

J. Herculano Pires

O Reino



John Martin
O Bardo



Conteúdo resumido

Este livro é, conforme as palavras do autor, uma reflexão sobre o Reino, um estudo dos meios pelos quais podemos atingi-lo. Herculano Pires usa uma linguagem poética para enfrentar problemas filosóficos, sociológicos, políticos, éticos, religiosos e antropológicos decorrentes da luta em comum pela conquista do Reino.

Segundo o autor, muitos tentam conquistar o Reino a troco de palavras, de crenças, de sacramentos, de símbolos e sinais exteriores; muitos também pensam que o Reino é subjetivo ou pertence a outro mundo. E enganam a si mesmos.

Depois de analisar todas as formas de interpretação do Reino, ao longo da história da humanidade, Herculano nos mostra que o Reino de Deus germina no coração de cada um e se expande pelo mundo, na aspiração divina e universal da justiça e do amor, que é o próprio reflexo de Deus na consciência humana.

“Venha a nós o Teu Reino”

“O Livro edificante é sempre
um orientador e um amigo.

É a voz que ensina, modifica,
renova e ajuda.”

EMMANUEL

Todas as citações bíblicas deste livro foram tiradas da tradução clássica de João Ferreira de Almeida, Edição das Sociedades Bíblicas Unidas. Algumas palavras e frases (poucas) foram adaptadas poeticamente ao contexto, quando este o exigia, sem qualquer prejuízo do seu sentido literal.

Sumário

O que é o Reino?	5
O REINO – Aviso ao Leitor	6
I – A Proclamação	8
II – Os Fundamentos	14
III – Os Frutos da Terra	20
IV – O Exemplo	26
V – A Tentativa	32
VI – Os Atalhos	38
VII – A Confluência	44
VIII – A Tese do Reino	50

O que é o Reino?

A resposta que este livro nos dá é desnorteante para os que pensam no Reino à maneira antiga. Irmão Saulo usa uma linguagem poética para enfrentar problemas filosóficos, sociológicos, políticos, éticos, religiosos e antropológicos decorrentes de uma tese evangélica.

Tanto se tem falado e escrito do reino em termos exclusivamente religiosos, de um religiosismo fanático, impregnado de superstições, que muita gente há de torcer o nariz diante deste livro. Mas o que ele nos oferece está muito longe do fanatismo estreito que o progresso vai rapidamente superando.

O Reino que este livro nos apresenta é uma aspiração dos homens, um anseio profundo e secreto da alma humana que se traduz em sonhos, utopias, ideologias, lutas políticas, revoluções, guerras e até brigas e crimes individuais, torturas e espancamentos, angústias e desesperos; este livro nos mostra que é assim mesmo.

Temos uma pequena História do Reino, cheia de colorido e verdade, em que desfilam personagens inquietantes como Rousseau, Mussolini, Hitler, Karl Marx, um homem rico agarrado ao seu fardo de iniquidades, os “colecionadores” de moedas, os mendigos e as crianças abandonadas nas ruas e sarjetas.

Platão sonha com o Reino e Jesus o implanta na Terra. O apóstolo Pedro quer realizá-lo e mata os que o tentam enganar. Átila esmaga crianças sob as patas do seu cavalo para alcançar o Reino. Conspiradores e terroristas explodem bombas. Multidões são exploradas, espancadas, oprimidas e lançadas às câmaras de gás.

Mas, apesar de tudo, o Reino continua a atrair os homens. Por isso aparece o Mensageiro do Reino, que explica o seu mistério e a sua aparente contradição. Vale a pena saber o que diz esse Mensageiro.

O REINO

Aviso ao Leitor

Aquele que engana a si mesmo não consegue passar pela Porta do Reino. O que não joga na estrada os fardos do egoísmo não pode entrar com eles no Reino. O que pensa que o Reino está longe terá de andar muito para encontrá-lo, mas o que sabe que o Reino está aqui mesmo, ao nosso lado, já o traz dentro de si. Ai porém, do que pensar que o Reino já está nele e deixar de buscá-lo!

O Reino é uma graça e uma conquista. Porque a graça não é uma prebenda como as da Terra: temos de merecê-la para recebê-la. E como receber a graça sem a conquista das condições exigidas para a merecermos? Vivem na ilusão os que se esquecem daquelas palavras: “*Busca primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça...*” Porque pensam que o Reino é dado a troco de palavras, de crenças, de sacramentos, de símbolos e sinais exteriores. E enganam a si mesmos.

Também se enganam os que pensam que o Reino é apenas subjetivo ou pertence ao outro mundo. O Reino foi implantado na Terra e está crescendo entre os homens. Seu crescimento é lento como o das plantações. E está sujeito às variações do meio, aos efeitos dos transtornos atmosféricos e ao crescimento das plantas daninhas. Requer, por isso, a atenção e o cuidado dos que desejam vê-lo dominando a Terra em sua plenitude. Somos nós, os homens, que temos de trabalhar para que o Reino venha a nós.

Este livrinho não é um manual do Reino, mas uma reflexão sobre o Reino, um estudo dos meios pelos quais podemos atingi-lo. Muita gente se engana, pensando que o Reino pode ser atingido pelos atalhos humanos. Pretendem chegar ao Reino pela política, pela Religião, pela Filosofia, pelas ordens ocultas e esotéricas, pelos ensinamentos deste ou daquele mestre em particular.

Todas essas coisas só podem ajudar quando queremos realmente atingir o Reino. Porque o caminho do Reino parte do

coração de cada um e se estende aos outros e ao mundo exterior. O Reino é como semente: começa na germinação oculta e solitária, dentro de cada um.

Que estas páginas consigam esclarecer esses problemas e aumentar na Terra o número dos trabalhadores do Reino, é o que deseja

o Autor.

I

A Proclamação

Era uma vez um jovem Carpinteiro que fundou um Reino. O mais belo, o mais justo e o mais fascinante de todos os Reinos. Contam os arqueólogos que o Reino de Mari, na Mesopotâmia, era diferente de todos os demais da antiguidade. Seu Rei não usava espada, mas espalmava a mão em sinal de bênção e de paz. Estranho mundo em que os homens viveram ilhados no amor e na bondade, em meio aos ferozes domínios que os cercavam. Mas o Reino que o jovem Carpinteiro fundou foi muito mais belo. A paz floria em cada coração e o amor irradiava dos olhos de todas as criaturas, desde os animais até aos homens.

Muita gente não acredita nisto. O Reino do jovem Carpinteiro parece-lhes um conto de fadas, uma lenda ingênua. E outros perguntam:

– Poderia um carpinteiro fundar um Reino?

Certo dia um desses descrentes me fez a pergunta, numa esquina, ao crepúsculo. As sombras da noite começavam a acumular-se sobre a cidade. Senti um frêmito de asas invisíveis ao meu redor, e logo um jovem de faces rosadas, cabelos loiros e olhos azuis, tão azuis como o céu ao meio dia, acercou-se de nós e respondeu por mim:

– Como não, amigo? Um carpinteiro, um pedreiro, um vendedor ambulante, um lixeiro, um engraxate, todos são homens. E cada homem tem o poder, que Deus lhe conferiu, de criar o que quiser. Você mesmo pode, agora mesmo, fundar o seu Reino. Ele será de paz ou de guerra, de amor ou de ódio, como você o fizer, e poderá crescer até abranger nos seus domínios a Terra inteira.

Meu amigo descrente encarava admirado o estranho adolescente. E depois de ouvir em silêncio, conseguiu quebrar o encanto e perguntar:

– Mas quem é você?

– Um mensageiro do Reino – respondeu o rapaz.

E, virando-se, desapareceu tão estranhamente que ficamos atarantados, entre a multidão. Desde esse momento aprendi que os mensageiros do Reino estão por toda parte e podem aparecer em qualquer lugar e a qualquer momento.

Meu amigo me disse:

– É um lunático. Meteu-se entre os outros e o perdemos de vista. Pois não vá você se impressionar com esse maluquinho.

– Mas o que ele disse – respondi – é uma profunda verdade. Você, por exemplo, fundou o Reino da Descrença. Um árido reino em que pensa estar livre de qualquer inquietação. Um reinozinho estreito e seco, que mais parece uma noz envelhecida. Nunca esse reinozinho poderá estender-se além do seu ego minúsculo e sem luz.

– Ba! – fez o meu amigo, com desprezo. – Vocês, os utópicos, os platônicos, estão sempre com a boca cheia de palavreado alegórico!

E sem mais perder tempo comigo, despediu-se e partiu.

Fiquei pensando no Mensageiro do Reino e ainda olhei esperançado por todos os lados, a procurá-lo. Nada mais vi. Lembra-me apenas do frêmito de asas invisíveis que precedera a sua chegada e um arrepio leve e doce me percorria a epiderme.

Então me lembrei da proclamação do Reino. Pus-me a caminhar pela calçada cheia de gente, aos esbarrões de criaturas apressadas, sob as últimas luzes do crepúsculo. E, de repente, a visão se desenhcou bem nítida em minha mente. Era como se eu visse, se eu presenciasse, como se tudo estivesse ocorrendo naquele momento.

O jovem Carpinteiro voltava de suas meditações no deserto. Chegava a Nazaré, sua cidade natal, onde ele e o pai mantinham sua modesta oficina. Num sábado, como sempre fizera, vestiu-se com o mais puro linho que possuía – na verdade uma pobre estamemha branca, mas que brilhava como linho puro – e dirigiu-se à Sinagoga.

A modesta Sinagoga de Nazaré regurgitava de judeus ansiosos pela salvação de Israel. O jovem Carpinteiro passou tranquilo pela multidão e sentou-se no lugar habitual. Quando lhe permiti-

ram falar, levantou-se, tomou nas mãos o rolo da Torá e o abriu em Isaías. Com voz serena, leu este pequeno trecho:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres.

Enviou-me para proclamar a libertação dos cativos e a restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o Ano Aceitável ao Senhor.”

Nunca se viu proclamação mais curta. O jovem Carpinteiro não era de muito falar. Era de pouco, mas certo. Na verdade, servira-se das palavras de Isaías para proclamar o seu Reino. Isaías falara pela sua boca; assim a tradição de Israel se confirmava no espírito das Escrituras e no coração da Sinagoga. Os velhos judeus de barbas pontudas e redondas, grisalhas, negras e castanhas balançavam a cabeça e olhavam preocupados para o Jovem, que voltou a sentar-se.

O assistente tomara de novo o rolo da Torá para guardá-lo, mas vacilava, olhando também para o jovem Carpinteiro. Este correu o olhar pela assembléia, como um Rei, e começou a falar:

– Hoje se cumprem estas palavras do profeta.

Um grande silêncio passou no recinto. Ouvia-se o tilintar dos cincerros das cabras na campina ao longe. Uma paz desconhecida pairava no ambiente. O jovem Carpinteiro continuou:

– O Espírito do Senhor é Amor e Justiça. Ele me ungiu para trazer justiça e amor à Terra. Enviou-me para fundar o seu Reino. Quão diferente é esse Reino dos reinos ímpios dos homens, que se fundamentam na injustiça, na ganância e no ódio, sobre a maldição da violência. O profeta anunciou-me e aqui estou. Ouvi-me.

Todos ouviram em profundo silêncio. Mas estas últimas palavras provocaram alguns gestos de impaciência. Alguém perguntou:

– Não é este o filho de José, o carpinteiro?

Outro respondeu, num cicio cortante:

– É ele mesmo. Não vês a sua túnica de miserável estamenha?

– Mas como pode a estamena brilhar desse jeito? – perguntou um rapaz visivelmente fascinado.

– São artes pitônicas! – murmurou um velho entre dentes. – Não é o espírito do Senhor, mas o espírito de Píton que está sobre ele!

Diante do murmúrio que crescia, o jovem Carpinteiro perguntou:

– Quereis, por certo, aplicar-me o provérbio: médico, cura-te a ti mesmo. Pensais, acaso, que um pobre não pode trazer esperanças aos pobres?

A murmuração interrompeu-se por um breve instante. O Jovem esperou que todos se acalmassem e prosseguiu:

– Não acreditais nas curas que fiz em Cafarnaum. Achais que estou possesso do espírito do mal e perguntais porque não me curo a mim mesmo. E quereis que eu repita os prodígios do Reino entre vós.

– Sim, queremos! – Gritou Lamuel, o açougueiro ritual.

– Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido entre os seus. Vós me viste crescer e pensais que tenho de ser igual aos vossos filhos. Não sois capazes de ver além das aparências, dos hábitos, dos costumes, da rotina. Mas eu venho proclamar o Reino.

– Está endemoniado! Fora com ele! – gritou Gedeão apoplético.

– Acalmai-vos e ouvi-me! – disse o jovem Carpinteiro, como se nada de mais estivesse acontecendo.

Era tão natural e tão simples a sua calma, tão pura e isenta de qualquer resquício de afetação como se Ele estivesse conversando na rua com os jovens da cidadezinha. Mas, apesar disso, havia em seu redor um halo de estranha majestade que mantinha o auditório em suspenso.

– Lembrai-vos de Elias – disse ele –, quando o céu se fechou por três anos e meio, produzindo grande fome em toda a Terra. Muitas viúvas havia em Israel, mas Elias foi enviado a Sarepta,

em Sídón. Lembrai-vos também de Eliseu, que não curou os leprosos de Israel, mas Nahamã, o sírio.

Estas palavras cortavam como o chicote de pontas de chumbo dos guardas do Templo. Ouviu-se na assembléia um rumor soturno, que cresceu como trovoadas e estourou como um raio.

– Fora o impostor!

– Lancemos da penedia esse impostor!

– Não o deixemos profanar as Escrituras e a Sinagoga!

E a multidão enfurecida avançou para o Jovem, agarrou-o com seus pulsos de ferro e arrastou-o para fora. A tropeções, empurrões e gritos de ódio, levaram-no ao cume do monte, este cômodo suave como um ninho em que Nazaré repousava qual um branco e pequeno ovo de pomba.

Lá do alto descortinava-se a beleza verdejante da Galileia, sob um céu azul e luminoso. Mas havia do lado esquerdo a perigosa escarpa de pedra, de rochas pontiagudas e eriçadas espinheiros, que representava o reverso da bonita paisagem. Por ali queriam lançá-lo, para que morresse espetado nos espinhos e quebrado nas pontas rochosas. O Reino estaria perdido por mais alguns milênios. Pois quando haveria de aparecer novamente em Israel outro pregoeiro do Reino?

Mas quando tudo parecia perdido, os homens que o agarravam com as mãos de ferro viram que estavam enganados. Na verdade, haviam-se agarrado uns aos outros, e se não percebessem a tempo, certamente se teriam arrojado num magote pelo precipício abaixo. Pararam assustados à beira do abismo e suas pernas e seus braços tremiam de horror.

– Quéde o Filho de José? – perguntou um deles, com voz trêmula.

– Onde teria ficado? – gritou outro, já um pouco mais forte.

– Ah, se não tivesse escapado por artes pitônicas o liquidaríamos agora mesmo! – bravateou Gedeão, com seus punhos de aço crispados de ódio e ao mesmo tempo de medo.

Enquanto isso, o jovem Carpinteiro, passando tranquilamente entre eles, descia a encosta do monte em direção à cidade. Naza-

ré brilhava como uma flor orvalhada, docemente aberta na colina.

II

Os Fundamentos

Como pode um carpinteiro fundar um Reino? Pois o jovem Carpinteiro de Nazaré o fundou sem a menor dificuldade. O incidente da Sinagoga não teve muita importância. O que valeu foi a proclamação do Reino, feita com tranquila firmeza e repudiada com estúpida violência. Daquele momento em diante o Reino do Carpinteiro estava implantado na Terra. E nada mais, nenhuma violência e nenhuma manobra escusa conseguiram fazê-lo desaparecer.

Ate hoje há grandes exércitos mobilizados contra o Reino. As potestades do ar, de que falou mais tarde o apóstolo Paulo, e as potestades da Terra, que todos conhecemos, vêm realizando há milênios uma luta conjugada contra o Reino. Mas este permanece firme, tranquilo como o seu Fundador. E cada vez mais se alarga, como uma flor teimosa que desabrocha lentamente, apesar das tempestades, das secas, das pragas, do sol inclemente e da inclemência maior do coração humano.

Quais são os fundamentos desse estranho reino que ergue as suas torres e os seus minaretes, as suas cúpulas e os seus pendões entre tantas forças adversas? O jovem Carpinteiro os formulou com as palavras de Isaías na Sinagoga de Nazaré. O primeiro desses fundamentos é o Espírito do Senhor. Seria necessário mais algum? Todas as demais pedras de alicerce do Reino tiram dessa Pedra a sua pureza e a sua firmeza. O Espírito do Senhor é tanta coisa que não chegamos a compreendê-lo bem. Falta-nos visão e compreensão para tanto. Mas sabemos que Ele é, antes de tudo, Amor e Justiça.

Eis, pois, os três primeiros fundamentos do Reino: DEUS, AMOR E JUSTIÇA. É por isso que o jovem Carpinteiro proclama em seguida que foi ungido para anunciar a Boa Nova aos pobres. Alguns ricos têm perguntado, através dos séculos: Que justiça é essa? Então nós, os ricos não merecemos a Boa Nova? Claro que merecem, como todos os demais filhos de Deus, mas para isso

precisam fazer o que o jovem Carpinteiro ensinou ao moço rico que desejava entrar no Reino:

“... Vai, vende o que tens e dá-o aos pobres; depois vem e segue-me.”

Então esse Reino é o Reino da pobreza e da miséria? Seria um Reino de vagabundos e mendigos? Não, pois dividir a riqueza não é destruí-la, mas multiplicá-la. É abrir-lhe outras possibilidades de crescimento, não mais entre as garras do egoísmo, mas entre as mãos do altruísmo. Os ricos que não têm entrada no Reino são os que construíram o seu próprio reino na Terra. Esses reinozinhos egoístas, fechados em si mesmos, alimentando a vaidade, a ganância, a impiedade, a arrogância, são os mais ferozes inimigos do Reino. Por isso é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um desses reizinhos, que a morte despojará de suas bazofias e pretensões, entrar no Reino.

Os pobres são os injustiçados da Terra. Os ricos são os que amealharam os bens da Terra e fizeram a sua própria justiça. O reino é do Céu, mas o jovem Carpinteiro o trouxe para a Terra, a fim de que a justiça se faça através do Amor. Como é difícil aos homens compreenderem essa dialética divina! Há dois mil anos admiram a grandeza do Reino, desejam atingi-lo, mas não jogam fora o fardo terreno que os impede de chegar a Ele. O pesado fardo terreno os esmaga no chão do planeta, como bichinhos embaixo de uma pedra.

Eu explicava isso ao meu amigo descrente, noutro encontro de rua, numa esquina, quando ele perguntou, com um sorriso irônico:

– Por que Deus deixou que os homens se embichassem desse jeito? Não era mais fácil evitar isso do que ter de enviar, depois, o jovem Carpinteiro à Terra?

Senti novamente um frêmito de asas invisíveis e logo apareceu o rapazinho loiro, de faces rosadas, com dois pedaços de céu nas pupilas. Bateu-me levemente nas costas e dirigiu-se ao meu amigo:

– Deus quer que os seus filhos cresçam responsáveis, por isso lhes dá a liberdade. Pode haver responsabilidade no escravo ou no robô? Meu caro, a responsabilidade é uma planta melindrosa, que só nasce e cresce no clima da liberdade.

– Então – respondeu o amigo descrente, puxando de novo o gatilho da sua espingardinha de ironia –, por que Deus agora condena os ricos? Não foi ele quem lhes deu a liberdade de enriquecer?

– Deus não condena ninguém. – respondeu o rapazinho loiro – Os ricos se condenaram a si mesmos.

– Como? Que história é essa?

– Meu amigo: os homens que amealharam fortuna da Terra amealharam egoísmo, injustiça e impiedade. Os bens da Natureza pertencem a todos, e os que transformam esses bens para produzir outros não podiam esquecer o dever da fraternidade. Como pode regozijar-se na opulência o homem que vê seus irmãos morrendo de fome, doença e miséria nas sarjetas da cidade ou nos paióis do campo?

– Mas ele pode auxiliar as obras sociais – retrucou o meu amigo, com leve sorriso.

– Derrubar as migalhas da mesa para os cachorrinhos e os gatos não é amor nem justiça – respondeu o rapazinho loiro.

E, na mesma hora, como se houvesse por acaso se enfiado entre os grupos de pessoas pela calçada, desapareceu.

– Quem é esse petulante? – perguntou o amigo descrente.

– Um mensageiro do Reino – respondi.

– Ba! – fez ele de novo e despediu-se apressado.

Voltei então a pensar por minha conta nos problemas do Reino. E à proporção que andava pelas ruas, tão cheias de gente de toda espécie, pobres, remediados e ricos, os fundamentos do Reino me pareciam mais nítidos na mente.

Vi o rico da parábola, tão diferente daquele mendigo que comia as migalhas de sua mesa, caminhando por uma estrada circulante, com o fardo de suas riquezas terrenas às costas. A estrada levava ao Reino e subia como espiral em torno da mon-

tanha sagrada. Dificilmente subia o pobre rico, ofegante, cada vez mais cansado, até chegar ao luminoso Portal. Esmagado sob os fardos enormes, fez um último e penoso esforço para bater a aldrava. Mas, em vez de abrir-se o portal, o que se abriu foi uma estreita portinhola. Fascinado pela beleza entrevista, o pobre rico meteu-se na fresta, mas os fardos não passavam.

Foi dura a luta. Compreendi então a imagem do camelo. Não, não se trata de cabo ou corda grossa, trata-se mesmo do camelo. O pobre camelo rico não passava naquele fundo de agulha porque os seus fardos não deixavam. Depois de muito lutar o rico sentou-se ao lado da portinhola, que continuava aberta. Uma tranquila oferta. Um convite de amor. Mas o rico se agarrava cada vez mais aos seus fardos, que ameaçavam rolar pela encosta.

Oh, pobre rico! Suava frio, olhava de esguelha a portinhola aberta e abraçava loucamente o tesouro da perdição. As forças começaram a faltar-lhe. Um fardo escapou. Ele tentou alcançá-lo, sem largar os outros e foi então que rolou para o abismo. Só quando ele já estava no fundo do precipício a portinhola do Reino fechou-se.

O jovem Carpinteiro ensinou certa vez:

“Aquele que se agarrar à sua vida, perdê-la-á; Aquele que a perder por amor de mim, a encontrará!”

O pobre rico da parábola agarrou-se ao seu tesouro de perdição, que era a sua própria vida. Compreendi então a solidez dos fundamentos do Reino: Amor e Justiça. A portinhola continuava aberta até os últimos instantes, até o derradeiro instante. Mas o pobre rico fez justiça a si mesmo com as próprias mãos. Como queria o meu amigo culpar Deus por isso?

Compreendi então porque o jovem Carpinteiro viera anunciar a Boa Nova aos pobres. E porque ele costumava dizer: “*Os que têm ouvidos de ouvir, ouçam.*” De que adiantaria anunciar a Boa Nova aos ricos que só tem ouvidos moucos para as coisas do Reino? Os pobres sofrem, são injustiçados, carecem de amor. Deus sabe que eles têm ouvidos de ouvir. A Boa Nova lhes toca o coração amargurado. Mas quando a amargura é também amea-

lhada pelos pobres, estes se tornam escravos de si mesmos e cegos para a verdadeira vida. Por isso o jovem Carpinteiro repetiu as palavras de Isaías sobre a libertação dos cativos e a vista aos cegos.

Deus não faz acepção de pessoas. O pobre e o rico podem entrar no Reino, o pobre e o rico podem ficar do lado de fora da portinhola. O fardo da revolta é tão pesado e ignominioso como o da boa-vida. O pobre também pode amealhar a riqueza da ignomínia. *“Bem-aventurados os mansos e pacíficos, porque eles herdarão a Terra.”* O jovem Carpinteiro não promete o Céu, mas a Terra. Porque o Reino foi implantado na Terra e deve crescer sobre ela. É o próprio Céu que baixa à Terra. Mas para que os homens se tornem dignos do Céu é necessário que os cativos sejam libertos, que os cegos tenham a vista restaurada, que os oprimidos recuperem a liberdade e que o Ano Agradável ao Senhor seja estabelecido.

Vejo Israel nesse ano de amor e justiça. Todos se reúnem para a redistribuição das terras. O amor do Reino inunda os corações ainda não viciados pelo amor das comodidades materiais. Os homens compreendem que são todos irmãos e que o Senhor só ficará contente quando todos os seus filhos partilharem dos bens naturais. Nenhum pretende conservar em suas mãos mais do que o necessário. A terra em Israel é pouca, mas boa. Deve ser distribuída de tal maneira que não falte a ninguém o seu meio de vida. Pois não foi o Senhor quem concedeu a Israel o domínio de Canaã, essa terra de leite e mel? E a concessão não foi feita para todos?

A proclamação de Nazaré estabelece os fundamentos do Reino, sem nada esquecer. Em breves linhas, em poucas palavras, o código de amor e justiça é oferecido ao mundo. Se os homens quiserem entender esse Código Divino, o Reino crescerá na Terra. Se não quiserem, o Reino continuará a expandir-se nos corações e nas consciências capazes de senti-lo e compreendê-lo.

Quando o jovem Carpinteiro nasceu, um coro de anjos cantou no horizonte do mundo:

“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!”

Tudo depende do homem. A portinhola do Reino ficará aberta até o último instante.

III

Os Frutos da Terra

A terra dá frutos. Há frutos silvestres e frutos cultivados pelo homem. Os frutos da terra alimentam os filhos de Deus. Mas há homens que usam os frutos da terra para enriquecer. É justo que haja riqueza na Terra e que os frutos da terra enriqueçam os homens. Deus não quer a pobreza, mas a riqueza. Olhai para o Céu e vereis o tesouro de Deus semeado no infinito. Olhai para as entranhas da Terra e vereis estrelas ocultas. Também elas são frutos da terra. Frutos que os homens extraem, colhendo-os nos misteriosos ramos de árvores subterrâneas. Esses frutos também produzem riquezas pessoais.

Deus quer que a riqueza se espalhe no mundo. A riqueza é a herança de Deus e o apóstolo Paulo ensinou:

“Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo.”

Ai daquele que pretender empobrecer os homens e empobrecer a Terra. Este pequeno mundo não foi lançado na rota dos mundos para se tornar miserável, um mendigo do espaço. Seu destino é a grandeza universal, a glória do infinito, a riqueza inumerável do Céu. Deus lhe concedeu um Sol de ouro e uma Lua de prata. E rodeou-o de uma rede cintilante de estrelas. As torres do Reino apontam para esses tesouros, que são a herança dos homens.

O mensageiro do Reino me disse um dia:

– Pensais que Deus é Deus de pobres e esfarrapados? Assim como as escrituras nos dizem que Ele não é Deus de mortos, mas de vivos, também nos mostram que ele é Deus de ricos e não de mendigos. Os mundos mais próximos de Deus são de maravilhosa riqueza, transbordantes de cintilações. Não vistes a descrição de Jerusalém celeste no Apocalipse? O Reino é rico, mas a riqueza do Reino é abundante e impessoal. O que faz a pobreza é a riqueza pessoal. Há um caruncho da alma: o egoísmo. Esse

caruncho destrói a maior riqueza do Universo, que é o espírito, quando o homem se julga dono pessoal dos frutos da terra.

Lembrei-me do canto de Maria, que foi o prelúdio da proclamação de Nazaré. A suave mãe do jovem Carpinteiro exclama, referindo-se ao Senhor:

“Depôs do trono os poderosos e elevou os humildes; encheu de bens os que tinham fome e despediu vazios os que eram ricos.”

Não é a riqueza que é condenada, pois o Senhor a tira de uns para dá-la a outros, segundo a justiça. E, segundo o amor, remete à pobreza aqueles que devem conhecê-la melhor, para não se julgarem os privilegiados da Terra. Que são os bens, se não os frutos da terra? Maria previu, na sua intuição humana de mãe e na sua previsão divina de espírito, a redistribuição dos frutos da terra para que o amor e a justiça do Reino triunfem entre os homens.

A árvore que lança suas raízes ao solo e estende seus ramos aos ventos não dá frutos para este ou aquele, mas para todos. Vede uma árvore em estado de pureza, em estado natural, na mata ou no campo. Ela se enfeita de flores e se cobre de frutos para as aves, os animais e os homens, se os houver. Se os homens não a conhecerem, pouco importa. Porque os frutos da terra não são dados apenas aos homens. Também os ventos se alimentam de pólen e folhas, arrancam os frutos maduros dos ramos e os semeiam na distância, para que os bichos aproveitem a sua polpa e o solo absorva as sementes, fazendo-as germinar. Que direito tem um homem de cercar uma árvore ou mais árvores, de torná-las suas escravas particulares, de arrebatá-lhes sistematicamente os frutos para transformá-los em riqueza pessoal? Os frutos devem saciar a fome dos famintos, alimentar as crianças e fortalecê-las para o futuro.

A riqueza dos frutos é para todos. A árvore é o gesto de Deus ensinando aos homens a eterna doação. Nada lhe pedem e ela tudo dá. Podia enrolar os frutos em cipós e escondê-los para si mesma, devorá-los em silêncio ou deixá-los morrer sem proveito entre as suas garras. Mas ela estende os ramos no Céu e a sombra

na Terra. Distribui perfume e pólen aos ventos e oferece os seus frutos sem pedir recompensa. O Reino é cercado de árvores, de vastos arvoredos com flores e frutos, de pomares e jardins abertos para que todos possam desfrutá-los. Os filhos do Reino não estão sujeitos aos monopolizadores dos frutos.

O jovem Carpinteiro ensinou um dia:

“O campo de um homem rico havia dado abundantes frutos e ele revolvia dentro de si estes pensamentos, dizendo: “Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos?” E disse: “Farei isto. Derribarei os meus celeiros e construirei outros maiores. Neles recolherei tudo o que tenho e todos os meus frutos. E então poderei dizer à minha alma: tens muitos bens em depósito para muitos anos, ó alma minha! Descansa, come, bebe, regala-te!” Mas Deus disse a esse pobre homem rico: “Néscio! Esta noite te virão demandar a tua alma, e os frutos da terra que amontoaste e todos os teus bens para quem serão?” Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus.”

Os entesouradores pessoais organizam-se em associações, em trustes, em gigantescos monopólios. Pegam os frutos das árvores, os frutos minerais das entranhas da terra, os frutos aquáticos dos rios e dos mares, sugam os lençóis subterrâneos e as misteriosas jazidas que os séculos formaram, e de tudo isso fazem moedas ingênuas, doiradas ou prateadas, cintilantes de pureza, que transformam em instrumentos de suplício e de vício. Os entesouradores pessoais se associam contra os pobres, dominam nações e povos, exploram multidões e se consideram benfeitores da Humanidade. Graças ao poder do dinheiro acumulado, o ingênuo e puro dinheiro que leva saúde ao doente e alimento ao faminto, mas que em suas mãos se transforma em lâminas do punhal assassino, derrubam governos, subvertem regimes, tripudiam sobre o direito das gentes. Mas um dia alguém vem demandar-lhes a alma néscia e apagar-lhes das gerações a odiosa memória, o exemplo corruptor.

Salomão vestiu-se de púrpura e ouro, mas apenas os cânticos que lhe atribuíram, pois nem isso era dele, conservaram sua

memória entre os homens. E o jovem Carpinteiro lembrou que as flores do campo se vestiam com maior riqueza e maior esplendor do que o rei cantor. Os homens se inquietam pelo vestir e pelo comer, querem garantir o futuro com as escoras inúteis dos bens materiais. Mas o futuro do homem não está na matéria e sim no Espírito, porque o homem é Espírito, é uma chama e não o corpo de lama, a vasilha frágil de argila em que a chama crepita. O futuro do homem é o Reino. Ai dele quando não pode entrar pela porta estreita.

Por isso, o jovem Carpinteiro ensinou:

“Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Não temais, ó inquieto rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o seu Reino. Vendei o que possuíis e dai-o aos pobres; provei-vos de bolsa de estrelas, que não se gastam com o tempo nem se consomem na morte. Ajuntai o tesouro das coisas do Céu, que não estão sujeitas ao ladrão, nem à ferrugem ou às traças. Porque onde está o vosso tesouro, ali estará também vosso coração!”

O mensageiro do Reino me disse, a respeito destas palavras:

– Que fazeis ao ajuntar frutos e pedras da terra? Quando a chama rompe a vasilha de barro, vossa alma se evapora titubeante e incerta. Conheceis o fogo fátuo? Não sereis mais do que isso. Mas tereis a dolorosa consciência da vossa fragilidade, da vossa insegurança e da vossa inutilidade. Néscios! Os frutos e as pedras da terra devem servir aos vossos corpos na medida do necessário, pois podeis convertê-los em estrelas e sóis pela magia do Espírito. Não existe mais bela alquimia. Sede os alquimistas da caridade!

Pensei nessas frases e disse a mim mesmo: Deus pôs as árvores na terra carregadas de frutos materiais, mas sobre nossas cabeças estendeu também a fronde do Céu, carregada de frutos de luz. Por que havemos de preferir, para o nosso tesouro, os frutos efêmeros, em vez de guardar os que são eternos? Quando colho os frutos de uma árvore e os converto em moedas, cobrando ao faminto o preço exorbitante que deve me garantir o lucro, devolvo a pureza da polpa e o mistério das sementes à rigidez do

metal. Mas quando tomo esses frutos e sacio com eles a fome das crianças pobres, transformo a polpa e as sementes em luz para o Reino de Deus.

O jardim do Éden é o jardim do Reino. A serpente que nele penetrou para tentar Eva estava aninhada no coração de Adão. A serpente, por si mesma, jamais poderia entrar lá. Mas como Deus concedeu a Adão o direito à liberdade, foi através dele que ela invadiu o Éden. Antes de comer a maçã, Adão e Eva já estavam condenados. A tentação não vem de fora, mas do próprio coração do homem. A alegoria bíblica do Éden é a primeira referência das Escrituras ao mistério do Reino. Mas ela mesma foi transformada, essa simples e encantadora referência, em motivo de ganância e exploração para os homens. Entretanto, como era de origem divina, os homens não conseguiram corrompê-la. O apóstolo Paulo lembraria mais tarde:

“Se por um homem, Adão, fomos perdidos, também por um homem, o novo Adão, o Cristo, fomos salvos.”

O mensageiro do Reino me explicou:

– A alegoria da perdição conduz à alegoria da salvação. O homem cometeu o pecado da desobediência ao comer a maçã da sabedoria, ao adquirir a razão. Porque então se definiu como um ego, como um ser, e julgou-se semelhante a Deus. Nas fases primitivas da sua existência ele vagava no Éden, livre e puro, dirigido pelos instintos como os demais seres. Depois que começou a raciocinar acreditou-se dono das coisas e dos seres. Quis possuir, entesourar, engrandecer-se aos próprios olhos e aos olhos dos outros. Foi então que fugiu de Deus e criou seu próprio mundo. Mas Deus o deixou em liberdade, amadurecendo na experiência e na dor. E por fim mandou-lhe o jovem Carpinteiro para construir-lhe, com as tábuas e os troncos das árvores, sempre generosas, a Tenda da Reconciliação. Entendei as coisas em Espírito e Verdade e não vos enredeis no cipoal das letras.

Entremos na Tenda da Reconciliação, procurando de novo o amor e a justiça de Deus, e em breve estaremos de novo no jardim do Éden. Passaremos alegres e leves pela porta estreita, que se abre como pequena brecha no grande portal do Reino.

Façamos dos frutos da terra o tesouro da nossa caridade permanente. Não entesouremos nada em prejuízo dos outros. Não roubemos. Sejam capazes de imitar as árvores: De ramos abertos no Céu e sombra estendida na Terra. O Reino começa em nosso coração.

IV

O Exemplo

Quando o jovem Carpinteiro ensinou que Deus é Pai, o único Pai de todas as criaturas, ensinou também que o Reino não é privativo de ninguém, privilégio de nenhuma seita, de nenhuma escola, de nenhuma raça. Pois se todos são filhos de Deus, todos são herdeiros do Reino. Para quebrar a dura cerviz dos fariseus, disse Ele certa vez, diante da fé viva e ardente do centurião romano Cornélius:

“Em verdade vos afirmo que não achei tamanha fé em Israel, e que virão muitos do Oriente e do Ocidente para assentar-se à mesa com Abraão Isaac e Jacó no Reino dos Céus.”

E acrescentou, com dureza de uma martelada na oficina de Nazaré:

“Mas os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores em que haverá choro e ranger de dentes!”

Assim se chamavam os hipócritas de Israel: filhos do Reino, porque se consideravam mais puros que todos os outros e escolhidos por Deus para julgar os *goyn*, os estrangeiros impuros. O jovem Carpinteiro ameaçava-os com as trevas exteriores, com a cegueira da alma, que sucede a cegueira da mente, produzida pelo orgulho. E tomava o centurião romano, odiado pelos filhos do Reino, como o exemplo de fé, como tomara o bom samaritano, em que o fariseu cuspiu, como exemplo de amor. Filhos do Reino são todos: o sábio e o idiota, o rico e o pobre, o juiz e o ladrão, o santo e o malfeitor. E todos podem passar pela porta estreita, desde que abandonem os seus fardos imundos e pesados ao longo do caminho que sobe em espiral até o portal luminoso.

Proclamando o Reino entre os homens, para todos, era necessário também implantá-lo. O reino não começa por sinais exteriores – ensinara Ele –, mas no coração de cada um. Entretanto, o Reino se exterioriza na projeção da sua Luz, que há de inundar a Terra e transformá-la. O mundo é feito pelos homens. Onde quer

que os homens se reúnam para viver, surge o mundo dos homens, incrustado no mundo de Deus. Porque Deus criou o mundo e criou os homens, mas deu a estes o poder de também criar o seu próprio mundo. Podemos ver a harmonia e a beleza do mundo de Deus no esplendor das coisas naturais. O mundo dos homens, pelo contrário, reflete a desarmonia e a impureza dos seus pequeninos criadores. Oh, herdeiros incapazes, aprendizes inábeis! Mas Deus espera paciente, como o Pai que vê os filhos crescerem. E como o Pai que encaminha os filhos, Deus põe no mundo dos homens os atalhos e os caminhos do Reino. O jovem Carpinteiro veio mostrar-nos o caminho pelo seu próprio exemplo. Não se limitou a ensinar e apontar: “*Eis ali o caminho*”. Avançou Ele mesmo pelas vias do Reino, convidando-nos a segui-lo.

O mensageiro do Reino procurou-me numa tarde de meditação, sentou-se à minha frente à mesa de trabalho e, sorrindo, me disse:

– Fecha um pouco os olhos. Para de bater essas teclas inquietas. Pensa no Senhor e verás o Exemplo do Reino.

Assim fiz. O exemplo desenrolou-se ante a minha visão interior. Enquanto isso, o mensageiro desaparecia. Mas eis o que vi:

José e o Filho entraram na oficina para iniciar a faina do dia. Já haviam feito a prece e as abluções matinais. Mas enquanto o velho parecia arcar ao peso dos anos, o Jovem irradiava no olhar e no rosto a esperança dos séculos. Ao transporem a porta do humilde recinto de trabalho manual, a túnica branca do jovem Carpinteiro tornou-se luminosa como lírio da alvorada que desabrocha nos morros.

– Meu Pai – disse Ele –, chegou o momento que Tu esperavas, tanto quanto Eu. A voz do Nosso Pai ressoa no meu coração. Devo deixar-vos no trabalho com meus irmãos, que não me compreendem, e ir em busca daqueles que o Pai Supremo escolheu para o meu trabalho.

O velho o encarou com olhos tristes, mas logo o seu rosto emaciado pareceu rejuvenescer, tocado por um leve sorriso:

– Compreendo, filho meu, e se o coração humano chora no meu peito, minha alma se regozija. Seja feita a vontade do Altíssimo!

– De hoje em diante – disse o Jovem – estarei ao longo das estradas e na margem do grande lago. Subirei aos montes e descerei às planícies. Aliciarei corações para o Reino e levantarei contra mim o reino dos homens. Começa para vós e minha mãe o ciclo da angústia, para mim o ciclo da ação. Foi para isso que vim e para isso que me recebeste.

Apagou-se o quadro e no mesmo instante vi o jovem Carpinteiro aliciando os seus discípulos. Por toda parte as suas palavras atraíam as criaturas, como as sementes lançadas na estrada atraem as aves em bandos sucessivos. E assim como o caçador espreita, observa e escolhe, assim também o Pregador fazia. Vieram os pescadores, os que aram a terra e os que guardam rebanhos, os salteadores e as prostitutas, os doutores da lei e os publicanos, os filhos da pureza e os *goyn* impuros. De cada grupo Ele escolheu os que achava dignos ou capazes de se tornarem dignos. Pouco a pouco atingiu o número de setenta, e dentre eles, como já o haviam feito Moisés e os profetas, separou os que deviam ajudá-lo de mais perto. Foram doze os escolhidos. Mas em torno dos doze a multidão continuou a crescer.

– Mestre! Que farei para seguir-vos? – perguntavam todos.

E a resposta do Mestre era sempre a mesma:

– Vende o que tens e dá-o aos pobres, e vem e segue-me. Não podes servir a Deus e às riquezas, porque terás de aborrecer a Este ou à aqueles. Ninguém pode servir a dois senhores.

E os olhos do interrogante sempre baixavam, pesados de sombras. O semblante ansioso se fechava novamente nas rugas da rotina. Os pés, que pareciam asas, de novo na Terra como garras.

Mas o Mestre não se importava e continuava em seu caminho, lançando as sementes do semeador na Terra e na rocha, sobre a verdura dos campos e os espinheiros da beira da estrada. Os ventos da Galileia carregavam suas palavras. Quem estendes-

se a mão poderia colhê-las à distância, como flocos de paina flutuando no ar.

Quantos colheram essas palavras na palma da mão e as ouviram encantados! Eram tão suaves e puras! Pousavam de leve, numa sensação quase imperceptível. Mas logo depois começavam a arder, a inquietar. Que estranho ácido traziam, oculto na sua doce tessitura! Pois acabavam queimando! Velhos cansados, jovens ambiciosos, romanos dominadores e judeus rebeldes, todos se interessavam por elas. Mas o interesse era quase sempre passageiro, soprava e passava como a brisa do Hébron.

– Não andeis cuidadosos da vossa vida, perguntando o que comereis, ou do vosso corpo, perguntando o que vestireis. Não é mais a alma do que a comida e o corpo mais do que a veste? Não sois mais do que as aves do céu e do que os lírios do campo, que vosso Pai alimenta e veste? Não sois mais do que o feno, que nasce para ser lançado ao forno e a que nada falta? Por que vos inquietais?

Elas vinham no ar, como suave paina carregando uma pequena semente. Pousavam na mão e ficavam bailando. Bastaria um sopro e elas voltariam a flutuar nos ventos. Mas os homens retinham a painazinha brilhante na palma da mão, de olhos esbugalhados e ouvidos atentos, até que o leve ardor do início se transformasse no calor queimante da brasa. Então assopravam com força, esfregavam as mãos e voltavam correndo para os afazeres do mundo. Era preciso ganhar dinheiro, conquistar posições, perseguir os inimigos até derrotá-los ou matá-los, vingar a vaidade ou a honra supostamente ofendida, impor aos demais a importância do seu ego, jeitosamente disfarçado em personalidade, em dignidade racial.

Seria possível viver daquela maneira? O mestre devia ser apenas um sonhador, um poeta, um semeador de palavras. Não obstante, alguns sonâmbulos o acompanhavam. Mulheres importantes, como Joana de Cusa; homens graves, como José de Arimatéia; famílias inteiras, como a de Zebedeu, que soubera ganhar o mundo com pulso de ferro; publicanos enriquecidos e ávidos de mais dinheiro e maior poder; centuriões romanos fascinados, que arriscavam a vida na companhia de um louco

judeu; toda uma multidão o seguia. O Filho de um rico vendedor de sedas de Kerioth, magro e agitado como as varas secas do deserto da Judeia, apegara-se ao grupo que rodeava o Mestre e se tornara mesmo o despenseiro da comunidade.

Sim, havia uma comunidade messiânica que vivia segundo as regras malucas do Reino. Era pequena, constituída de apenas cinquenta pessoas, tendo um grupo central de doze, que eram os ajudantes diretos do Mestre. Como viviam? Os ricos teriam dado seu dinheiro aos pobres? Mas, nesse caso, os pobres não se tornaram ricos? E as propriedades? Teriam ficado para o Mestre? Não, pois Ele se recusava a possuir qualquer coisa. Tinha horror à propriedade privada, à posse de uma palha, de uma pena, de uma simples semente. Judas de Kerioth, porém, carregava a bolsa sempre fornida, pronta a atender as necessidades vitais da comunidade. De onde vinham aqueles recursos?

O Mestre explicava de maneira enigmática:

– Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Não andeis inquietos pelo dia de amanhã, porque ele a si mesmo trará o seu cuidado. Basta a cada dia a sua própria aflição.

O mundo via, estarecido, aquele exemplo de vagabundagem sagrada. Simão Pedro abandonara o barco. Agora só pescava corações para o Reino. Mas a família o acompanhava e ele sustentava com palavras e preces a mulher e os filhos. Ninguém arroteava a terra ou vendia mercadorias, a moeda não circulava em função reprodutora, ninguém fabricava tendas ou dava dinheiro a juros. Todos se amavam e se ajudavam, a dor de um era a dor de todos, o problema de um a todos afetava, a fome de um fazia a todos jejuar. Um só pensamento pairava em todas as mentes: Deus. Um só objetivo arrastava a todos: o Reino.

O Mestre devia ser o Chefe, o Rei daquele estranho reino ambulante, mas Ele mesmo dizia:

– O meu Reino ainda não é deste mundo. No meu Reino, os que mandam são os que servem. Os grandes são os que se humilham, pois os que se exaltam são humilhados. Meu Reino é um Reino de servidores. No meu Reino não há traficantes. Tudo que

recebemos vem do Pai. O Pai dá tudo de graça aos filhos e estes devem dar de graça o que assim receberam. No meu Reino nada se toma, tudo se dá. Se queres pertencer a ele, dá tudo o que tens e segue-me sem nada. Se alguém quiser te levar a capa, dá-lhe também a túnica. Se te batem numa face, oferece-lhes a outra.

O Exemplo do Reino era tão estranho como um pesadelo. O mundo o via, mas não entendia. João, o evangelista, escreveria mais tarde:

“A luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

Apesar disso, o exemplo ali estava. Era possível viver no Reino, em plena treva do mundo. Multidões aflitas se aproximavam do Reino. O Mestre ensinava e curava. Cegos, aleijados, leprosos, paralíticos, ulcerosos com fluxos de sangue permanente, todos recebiam o ensinamento e reviviam para a saúde física e espiritual. Nenhuma moeda, romana ou grega, judia ou fenícia podia pagar os benefícios do Reino.

E os grandes da Terra, ao ouvirem essas notícias, davam de ombro e riam com desprezo. Mas quando viam a realidade dos fatos, tremiam de indignação e pavor. Então era possível permitir que aquele Mestre sonâmbulo roubasse aos homens o gosto do poder, a volúpia do dinheiro, o prazer dos sentidos, esse divino dom que Jeová concedia aos judeus e os deuses concediam aos *goy*n? Não! O Exemplo do Reino era um mau exemplo.

V

A Tentativa

Muitas vezes fico pensando na coragem daqueles homens que integraram em Jerusalém a primeira assembleia cristã. O Exemplo do Reino havia chegado ao fim, de maneira trágica. Praticamente nada sobrara do esforço da abnegação do jovem Carpinteiro. O suplício da cruz era o selo da ignomínia. Paulo escreveria mais tarde que o Cristo crucificado era escândalo para os gregos e loucura para os gentios. Aquele mundo regido pela cultura greco-romana e infiltrado pela cultura judia não podia admitir os antivalores do Cristianismo. Para gregos, romanos e judeus, não obstante a evolução espiritual destes últimos, os valores mundanos eram os únicos verdadeiros. O ouro e a púrpura representavam a glória e o poder concedidos pelo Céu aos homens. A humildade e a pobreza eram imundície e condenação.

O jovem Carpinteiro vivera na pobreza e na humildade e ensinara aos discípulos essas antivirtudes. Mas seu fim havia sido o Monte das Caveiras, a morte ignominiosa entre malfeitores. É verdade que viera depois a ressurreição. E viera o Pentecostes. Mas quem acreditava nessas coisas, a não ser eles mesmos? O que lhes valeu, aliás, não foi a crença, mas a certeza, a convicção, a impossibilidade de negar as manifestações do Cristo redivivo e a efusão espiritual do Pentecostes. Só podemos compreender a Tentativa do Reino, após o fracasso terreno do Exemplo do Reino, graças ao realismo espiritual em que se firmaram aqueles homens simples e rudes do caminho.

O poder romano e o poder judeu, conjugados, traçaram a cruz da ignomínia sobre a última página do Exemplo do Reino. O processo ingênuo fora arquivado para sempre, sob o selo da infâmia. Quem mais teria a coragem de evocar um Rabi crucificado? Quem aceitaria que se falasse em tal coisa? A crucificação era a negação absoluta do Rabi: física, social, moral e espiritualmente o Reino fora riscado da face da Terra. Mas o jovem Carpinteiro ensinara, certa vez, aquilo que mais tarde os marxistas

tas chamariam de *lei da negação da negação*. O mundo clássico, na sua alta sabedoria, não aprendera ainda que a negação gera outra negação, que se constitui em afirmação.

O jovem Carpinteiro ressuscitara e concitara os discípulos a prosseguir na busca do Reino. Ele mesmo os ampararia e lhes daria a inspiração necessária. Estava provado que a morte não era a morte. Ninguém morria, nada morria. O grão de trigo não germina se não morrer. Morrer, portanto, é renascer. O Cristo crucificado era o grão de trigo arrancado da espiga, espezinhado pelos homens, lançado na terra e pisado. A cruz plantada no chão não era símbolo de morte, mas o sinal da cova em que a semente germina, um sinal de esperança. Às trevas da agonia seguia-se a noite da germinação oculta. Roma acreditava na morte e nela baseara o seu poder. O Reino acreditava na ressurreição. Quanto mais os homens enterrassem o Reino, mais ele cresceria sobre a Terra.

Foi assim que os homens do caminho tiveram coragem para enfrentar a ameaça de morte de um mundo agonizante, de um mundo que estertorava sem saber, pois pensava que os seus estertores eram golpes de morte desferidos nos adversários. Sentindo que a seiva do Reino, em vez de esgotar-se, subia mais viva da terra após a morte do jovem Carpinteiro, os homens do caminho reuniram-se de novo e cantaram hosanas ao Senhor. Então o Senhor ressurgiu entre eles, abençoou-os, conclamou-os à luta e o Reino esplendeu novamente, a luz resplandeceu de novo nas trevas do mundo.

Foi assim:

Após a manhã de domingo, no túmulo vazio em que Madalena o viu pela primeira vez, o Senhor apareceu-lhes durante quarenta dias, falando-lhes do Reino. Em Betânia, depois de lhes haver ensinado o suficiente, despediu-se e subiu para a torre mais alta do Reino, de onde se vê toda a Terra até os seus confins e todo coração humano até as suas mais remotas profundidades. Dois varões, mensageiros do Reino, apareceram então e disseram aos discípulos:

– Varões galileus, este que viste subir, um dia descera de novo, da mesma maneira pela qual subiu.

E se calaram, de olhos serenos, as túnicas brancas levemente agitadas pela brisa de Betânia.

Todos compreenderam em silêncio; guardando segredo em seus corações, voltaram a Jerusalém. Fecharam-se na Casa da Esperança e foram ao quarto de cima, onde os esperavam Pedro e João, Tiago e André, Bartolomeu e Mateus, Tiago filho de Alfeu, Simão o zeloso e Judas irmão de Tiago. E as mulheres lá estavam, perseverando em oração com Maria, mãe do jovem Carpinteiro. E os irmãos de Jesus lá também se encontravam, sisudos e estranhos, com Tiago à frente, pois era Tiago o único deles a acreditar na promessa do Reino. E enquanto Pedro, agitado e de coração dolorido, sangrando às ocultas, falava de Judas, o traidor, Tiago pensava nas palavras do seu divino irmão sobre a glória do Reino.

Passou depois o dia do Pentecostes. Estavam todos reunidos e veio do Céu um estrondo que abalou o mundo. Uma lufada de vento percorreu a sala fechada e abriu-lhe as portas e as janelas. E umas chamas ardentes desceram, como línguas de fogo, sobre as cabeças assustadas dos doze apóstolos, entre as quais estava Matias, que substituíra a Judas. E ficaram todos cheios do Espírito e falaram em diversas línguas para que, da multidão que acorrera a ver o estranho episódio, os varões de todas as raças pudessem ouvir a reafirmação do Reino.

Foi assim que todos: partos e medos, elamitas e mesopotâmicos de todas as latitudes, judeus e capadócios, pônticos e asiáticos, frígios e pânfios, egípcios e líbios das várias províncias, cirenos e romanos, judeus e cretenses, árabes do deserto e das zonas mais férteis da Terra, ouviram em suas próprias línguas, pela boca daqueles varões galileus, as maravilhas do Reino. Todos ficaram atônitos, pois não podiam compreender como aqueles galileus falavam nas suas línguas. Mas duvidaram de tantas maravilhas e os mais cétricos exclamaram:

– Amigos, isto é o milagre do mosto! Pois bem sabeis que o suco fermentado da uva pode fazer-nos falar de coisas que nunca

existiram e nem existirão, e em línguas que por certo nos são ensinadas pelo espírito de Píton!

E riam às gargalhadas e se retiravam, para cuidar de seus negócios e trapaças, pois tinham mais o que fazer.

A mensagem do Reino, porém, já havia penetrado em muitos corações. Pedro exclamou:

– Salvai-vos desta geração depravada!

E os que desejavam salvar-se, não querendo participar da injustiça e do ódio, da ganância e do roubo, foram iniciados nos princípios do Reino. E eram em número de três mil pessoas, que se agregaram aos apóstolos e aprenderam a partir o pão e a orar em comum. Para todos esses filhos do Reino o pão era um só e todos participavam dele. Ninguém guardava o seu pãozinho particular para secar e mirrar no embornal escondido. Todos davam o que tinham para poderem receber da abundância geral. E se algum dava mais para retirar menos era com alegria que o fazia, pois é alegre para os filhos do Reino poderem dar de sua mesma abundância.

Vemos assim que o Reino cresce, apesar dos pesares, desde a sua fundação na Terra. Quando o jovem Carpinteiro partiu, cento e vinte pessoas constituíam ao seu redor o Exemplo do Reino. Depois da sua partida e ressurreição, os apóstolos conseguiam iniciar a Tentativa do Reino com três mil criaturas de boa vontade, ansiosas por se libertar das depravações do mundo. Pedro, o pescador, era o mais ardoroso nessa tentativa de implantação do Reino. Tiago, irmão do Senhor, era, por certo, o mais zeloso.

Conta-nos o livro dos atos:

“E todos os que criam estavam unidos e tudo que cada um possuía era partilhado por todos em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e distribuía tudo por todos, segundo a necessidade de cada um. Perseveravam na doutrina e oravam. E o Senhor aumentava cada dia o número dos que se salvaram, encaminhando-se à unidade da corporação.”

Mas o Reino não é apenas comunidade de bens, não é apenas o partir do pão. Pelo contrário, essas coisas decorrem de outra,

mais profunda e mais viva, que é a comunidade das almas, a união dos corações, o desenvolvimento do amor e da justiça entre os homens. E esse crescimento produz a flor da caridade, que espalha suave perfume e se transforma em frutos de paz e entendimento.

Assim, os apóstolos davam também de si mesmos em favor dos doentes e dos sofredores. Tanto que Pedro, certa vez, passando pela porta do templo chamada Especiosa, parou ao clamor de um pobre coxo que ali pedia esmolas todos os dias. E João estava com Pedro e ambos abundavam na graça do Reino. E Pedro disse ao coxo:

– Olha para nós!

E o coxo olhou com atenção e astúcia, esperando receber duas ofertas de moedas. Mas Pedro explicou:

– Não tenho ouro nem prata; o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo o Nazareno, levanta-te e anda!

E, tomando-o pela mão direita, Pedro o levantou; e no mesmo instante foram consolidadas as bases dos seus pés e as suas plantas. E dando um salto, o coxo se pôs em pé e começou a andar, alegre e feliz como uma criança que aprendeu a dar os primeiros passos. E entrou com eles no templo, andando e saltando, para louvar a Deus. E todo o povo viu, com seus próprios olhos, que o Reino não era de trevas nem de crucificação, mas de saúde, alegria e trabalho.

Pedro não se retirou sem antes advertir a todos que o sacrifício do jovem Carpinteiro havia sido produzido pela ignorância do povo e de seus magistrados. Esse mesmo sacrifício, entretanto, resultava em frutos de restauração. Assim como os pés do pobre coxo se haviam restaurado num instante, assim também, num instante, o Reino poderia ser restaurado, desde que o Senhor o quisesse e encontrasse boa vontade no coração arrependido dos homens. Mas chegaram os sacerdotes, os magistrados do templo e os saduceus, e se indignaram e prenderam Pedro e João, mettendo-os na prisão até o dia seguinte.

Por que os filhos do Reino têm de sofrer para sustentar o amor e a justiça diante do ódio e da injustiça? Está escrito que

onde houver a seara de joio, o trigo sofre asfixia e morre. Mas o trigo subsiste pela sua própria necessidade, e o joio, na verdade, é como a erva má que os animais não pastam e os homens não colhem, desaparecendo na sua própria inutilidade.

A Tentativa do Reino teve também de morrer, porque era apenas uma tentativa, uma semente. E se a semente não morre, a planta não germina como na parábola do Semeador; os espinhos do mundo cresceram e sufocaram a Tentativa do Reino, transformando-a também numa forma impura do reino mundano. Mas o fermento do Reino já estava espalhado no mundo e jamais deixou de levedar a massa dos corações e das consciências. Os caminhos do Reino foram muitas vezes esquecidos, a embriaguez das riquezas temporais e pessoais alucinou multidões. Mas surgiram atalhos estreitos e ásperos atalhos, que homens fascinados pela visão inesquecível do Reino cortaram nas planícies e nas montanhas. Quem pode tirar do Espírito dos homens a eterna miragem do Reino?

VI

Os Atalhos

Quem não se lembra do tempo em que Tertuliano escrevia: “As heresias nascem do chão como cogumelos!”? Pois a verdade é que o próprio Tertuliano, tão zeloso da ortodoxia espinhenta, esse mesmo Tertuliano que recorreu à figura jurídica e ímpia do usucapião para impedir os hereges de usar o Evangelho, esse Tertuliano, também ele fascinado pela visão distante do Reino, havia de acabar como herege! Pobres criaturas, desvairadas entre as aspirações da alma e os desejos do corpo, como não havíeis de seguir por atalhos estranhos, sinuosos como serpentes?

As heresias eram, em geral, misteriosas eclosões de lembranças do Reino. Seitas ao mesmo tempo humildes e arrogantes, de camponeses ansiosos por amor e justiça, tentando restabelecer na Terra o amor e a justiça do Reino. Seitas de aldeões simplórios em delírio místico, visualizando em sonho as torres e os mirantes do Reino. Grupos fanáticos de visionários ilustrados que se consideravam profetas, missionários, e arrastavam multidões sedentas de uma verdade mal entrevista. Ah! Como o fascínio do Reino perdurou nos corações perjuros, torturando-os através dos séculos!

Mas ao lado das heresias, que abriram atalhos de fé e paixão nas ásperas paisagens do religiosismo fanático, surgiram também as ideologias desesperadas, contraditoriamente alimentadas de esperanças, onde mártires do Reino arderam em fogueiras assassinas, morreram em torturas piedosas, foram degolados e triturados em nome do próprio Reino. Da proclamação de Nazaré até os nossos dias a Terra está marcada pelas atrocidades e as loucuras da piedade religiosa.

O Reino, o Reino! Até os bárbaros o viram à distancia. Átila ouviu o seu chamado e esmagou a erva dos campos e as crianças das aldeias sob as patas de seus cavalos. Hordas violentas arrasaram as planícies e romperam a barreira dos picos nevados,

fluíram como caldais humanos pelos desfiladeiros, rolaram pelas encostas como avalanchas, derrubaram impérios.

Quem poderia segurar os homens alucinados pelo anseio de amor e justiça? Vede os mouros na Espanha e em Portugal, vede o alfanje devorando espadas nos campos da Europa, como a serpente de Moisés comendo as serpentes dos magos do faraó! Maomé saíra do próprio Cristianismo para atacar os cristãos e destruí-los. Do inconsciente dos homens o arquétipo do Reino levantava furacões humanos. Quem poderia negar diante desse tropel de raças e povos, o poder do Reino?

Carlos Magno era analfabeto e chorava quando lhe contavam o episódio da crucificação. “Ah! – dizia –, se eu lá estivesse com os meus homens!” E o poderoso imperador dos Francos quis restabelecer a seu modo o esplendor do Reino. Suas luzes eram poucas, mas bastavam para lhe mostrar que o esplendor fictício do seu império estava muito longe da beleza serena do Reino. Dessa visão e desse impulso brotou o Renascimento Carolíngio, antecipando a Renascença, que marcaria mais tarde a maior e mais bela tentativa de volta ao Reino.

O mensageiro do Reino me pediu um dia:

– Pense um pouco em Rousseau.

– Em Rousseau?

– Sim, pense em Rousseau o maldito.

E me pus a pensar, e vi:

Genebra fechada em seu cinturão de pedras. Uma falsa cópia do Reino, na verdade a sua contrafação. O jovem Rousseau escravizado pela sua dura engrenagem social. Depois, a fuga para o campo. Era uma maneira de escapar ao cerco mineral. Andar ao ar livre na campina, entre a pureza das árvores e dos riachos. Subir aos montes e contemplar a distância verde-azul, os horizontes carregados de estranhas promessas. Certa tarde, ao voltar, o portão da cidade estava fechado. Genebra o deixara de fora. E como Rousseau não teve medo, libertou-se.

O sonho do Reino eclodiu na sua alma em três tempos. O *Contrato Social* era a nova utopia, com a cidade renovada em bases de amor e justiça; o *Emílio* era o homem novo, liberto do

pecado original, criado no amor de Deus e educado pela natureza; A *Nova Heloísa* era o novo amor que cimenta a família nova formada pelo sentimento puro, livre das impurezas e do jugo doloroso das ambições. O jovem Rousseau tem os olhos no Reino, mas seus pés estão amarrados ao solo da França. Sacode em vão as correntes que lhe prendem os braços e os pés. Acaba levando os próprios filhos à roda dos enfeitados. Os homens de bem do tempo o denunciavam e o esconjuram. É um réprobo. Ainda hoje, dos púlpitos e das cátedras caem raios de cólera sobre a sua memória de mártir. Mas os lineamentos do Reino, traçados por esse grande sonâmbulo, produziram a Revolução Francesa, a queda da Bastilha, a derrubada dos privilégios da Nobreza, a primeira tentativa de uma Religião racional, a implantação de uma nova educação e a proclamação dos direitos do Reino na fórmula revolucionária: LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE!

Voltou o mensageiro do Reino e me disse:

– Pense em Karl Marx.

– Em Karl Marx? – Perguntei assustado.

– Pense, – repetiu ele tranquilo.

Então pensei. E vi:

Não vi o começo mas o fim. O velho Marx arcado para o chão, com sua cabeleira e suas barbas brancas, os olhos cansados tentando em vão abarcar na distância os contornos do Reino. Sonhara e lutara a vida inteira. Agora, os grossos volumes se amontoavam sobre a mesa. Mas havia muito que fazer, muito. E suas forças o traíam, a velhice lhe roubava as últimas possibilidades de trabalho.

O Capital! Dias e noites de pesquisa, de perquirição mental, de análise rigorosa, de cortes impiedosos, com as mãos de cirurgia, no corpo doente de uma sociedade ímpia. Analisara toda sua estrutura injusta e pensava ter sido fundada e sustentada pelo seu consangüíneo de Nazaré, o jovem Carpinteiro. Estudara a maldita circulação da moeda nas veias desse corpo impuro. Mas não chegara ainda às conclusões definitivas. Seu espírito sabia

que faltava muito a fazer. E a velhice o esmagava dia a dia, curvando-o cada vez mais para o chão, para a cova.

Uma grande e velha Bíblia se abriu aos meus olhos. Vi nas suas páginas os profetas de Israel clamando contra as iniquidades do templo e traçando no espaço os lineamentos do Reino. A Bíblia se fechou de súbito e dela saltou a figura de Marx. Um profeta extemporâneo, diante da Bíblia fechada. Marx subiu sobre ela e tentou esmagá-la com os pés. Mas estava velho demais e a velha capa da Bíblia mal cedia em leves e rápidas inflexões, ao débil impulso de seus pés. O profeta renegava a sua própria origem, mas sonhava os mesmos sonhos dos antepassados. Negação de Deus, negação do Espírito, afirmação da matéria e do homem. Mas quando afirmamos o efeito, por acaso negamos a causa? Pelo contrário: A matéria e o homem são a prova positiva de Deus e do Espírito.

Marx, porém, não via isso. Queria o Reino, a igualdade dos homens, a sociedade sem classes, sem governos, sem opressões, sem propriedades egoístas, sem riquezas famigeradas. Queria restabelecer o valor do trabalho contra o falso, o mentiroso e ímpio valor da moeda. Mas o seu caminho ainda não era um caminho. Era um atalho. Um áspero atalho, cortando violentas rampas na montanha, exigindo sacrifícios enormes, lutas sem tréguas, convulsões sociais espantosas, assassinatos em massa, masmorras e algemas, tiranias e fuzilamentos.

Sim, vi o atalho de Marx e vi a sua transformação nas primeiras grandes estruturas sociais; eram novas cidades, como a de Rousseau, bracejando aos Céus. Novos reinos da Terra estuantes de trabalho, de luta, de incompreensões, de sofrimentos. Mudavam-se as estruturas, mudavam-se as formas, mas faltava a mudança substancial, aquela pela qual o jovem Carpinteiro havia começado. Até quando, até quando estaríamos sujeitos a tantas tentativas difíceis, a tantas lutas dolorosas?

O mensageiro do Reino voltou e me disse:

- Pense em Mussolini.
- Em Mussolini? – Perguntei.
- Sim. Não pergunte. Pense.

E pensei. E vi:

– A marcha sobre Roma. Um Rei transformado em títere. Os direitos humanos violados. A mentira do corporativismo escravizando as massas. O servilismo, a arrogância, a brutalidade, o ódio erigidos em valores novos. Todos os homens livres perseguidos, presos, algemados, acorrentados como feras, submetidos a torturas e condenações infundáveis. Milhares de vidas frustradas, de sonhos sepultados, de honras denegridas. A Itália voltando à arbitrariedade dos Césares. E multidões de fanáticos saldando o Duce, de mãos espalmadas no ar: “Alalá!”, certos de que surgiria uma nova era, de que os lineamentos do Reino brilhavam no horizonte.

E a seguir, Hitler. O Eixo. A guerra. A devastação e o horror. Homens-feras soltos sobre nações e povos indefesos. Os campos de concentração. As fornalhas ardendo, a matança de judeus e não-judeus nas câmaras de gás.

Tanta impiedade, tanta loucura no desvario do Reino! O jovem Carpinteiro ensinara com tamanha doçura:

“O Reino de Deus não começa por sinais exteriores. Ele está dentro de vós”.

Mas os homens não aceitaram a lição da renúncia, não compreenderam o ensino do desapego. Queriam poder, dinheiro, grandeza! E cortaram o solo do mundo de Deus com atalhos escabrosos.

Todas as deformações se reuniram numa só: as palavras do jovem Carpinteiro foram transformadas em decretos divinos; a Assembleia do Reino, feita de humildade e pureza, tornou-se organização dogmática e autoritária; as parábolas ingênuas e poéticas se amoldaram em exprobrações, ameaças e anátemas; os mitos derrubados voltaram a entronizar-se e o próprio jovem Carpinteiro foi transformado em mito.

Contra essa iniquidade levantaram-se as criaturas que sonhavam com a beleza do Reino. Mas os sonhos sufocados provocaram explosões de ódio. A contradição se infiltrou nos corações em luta. O Reino estava presente em tudo e ao mesmo tempo ausente. Suas linhas esguias e puras esboçavam-se na distância

em horizontes infinitos, através de planícies de névoas. Tão próximo e tão longe! Quando alguém pensava tocá-lo a miragem se desfazia entre as mãos ansiosas. E em lugar do Reino só ficava um anti-Reino, um pequeno reino terreno, de ruas tortuosas, marcadas pelo passo de ganso dos pelotões de fuzilamento.

Certa vez, na Índia, o Mahatma Gandhi enunciou esta grande verdade: – “*O Meio é o Caminho do Fim.*” – Porque todos pensavam que o meio pouco importava, desde que se atingisse o fim. É a visão curta do corpo, através dos órgãos visuais, que dá esse erro de entendimento. A visão do Espírito, de que se servia o Mahatma, abre as perspectivas do entendimento. Não podemos chegar ao Reino a não ser pelos caminhos do Reino. Ou seja, pelos meios do Reino. O jovem Carpinteiro ensinou-nos quais são esses meios. Mas a verdade é que nos extraviávamos por tantos e tão confusos atalhos que estamos hoje enredados numa rede. Como poderíamos escapar das suas malhas?

VII

A Confluência

A obra de Deus é tão vasta, tão rica, tão complexa que, não podendo abrangê-la em nossa curta visão, costumamos acusá-la de muitas e não raro violentas contradições. A dialética nos oferece uma chave para a superação dessa deficiência. Hegel mostrou-nos que as contradições não são mais do que as fases sucessivas do desenvolvimento dos processos criadores. Tese, antítese e síntese representam as etapas da evolução. Através dessa dinâmica espiritual a semente se transforma na plântula e esta afinal se faz planta, para nos devolver a semente multiplicada. O processo do Reino segue também esse caminho dialético, como já vimos no caso da *lei da negação da negação*.

Os atalhos do Reino parecem-nos contraditórios entre si e contrários aos caminhos do Reino. Por outro lado, parecem-nos contrários ao Reino. Mas a verdade é que todas essas estranhas manifestações do anseio do Reino no coração humano se entrosam num grande sistema. Não é fácil compreendermos essa ligação. As religiões se livram das dificuldades apelando para o mistério dos desígnios de Deus, insondáveis ao nosso próprio entendimento. Mas o mistério é apenas aquilo que não compreendemos. E só não compreendemos o que não conhecemos. Desde que penetremos a natureza de uma coisa, por mais misteriosa que ela nos pareça, o seu mistério desaparece.

O mistério do Reino nos mostra a sua face oculta quando conseguimos abrangê-lo numa visão de conjunto. Deixa de ser mistério para tornar-se a mais bela realidade. O Reino é o alvo do espírito. Todos avançamos para ele, através das existências sucessivas, na Terra e no espaço. Todos ansiamos por ele. Mas nem todos estamos em condições de percebê-lo na sua plena realidade. Uns o vêem por um ângulo, outros por outros ângulos. As visões diferem e mais ainda as interpretações, em que a mente humana é tão fértil. Pitágoras já dizia que a Terra é a morada da opinião. Cada qual opina como entende e as diver-

gências se acentuam. Há deturpações horrendas do Reino, como há deformações horrendas do Cristianismo. Mas em todas elas está presente a atração do Reino, que se exerce sobre todas as almas.

O Cristo dos maometanos é um profeta que nasceu no deserto, sob uma palmeira. O Alcorão nos dá um episódio árabe do Natal. O Deus antropomórfico dos brâmanes é muito diferente do Deus antropomórfico dos Católicos. O Jeová guerreiro e intrigante da Bíblia, alcoviteiro e partidário, é o contrário de Deus de amor do Novo Testamento. Mas em cada uma dessas ideias de Deus, quer o entendamos ou não, Deus está presente. E a presença de Deus em cada uma dessas concepções é relativa à capacidade de compreensão de determinadas etapas da evolução humana. Mas as etapas não se sucedem por gradação simples. É tão complexo, múltiplo e dinâmico o processo evolutivo, que a mais elevada concepção de Deus pode caber, em virtude de fatores diversos, numa etapa inferior, da mesma forma que a concepção mais primitiva pode enquadrar-se numa etapa superior.

Toda essa complexidade desnorteia os mais atilados observadores. É preciso muitas vezes que se dê o *insight*, o chamado *estalo de Vieira*, numa cabeça ilustrada e capaz, para que ela perceba essa complexidade e se liberte de certos preconceitos, de certos estereótipos mentais. Por isso brigam, não se entendem e acabam criando partidos. O Reino de Deus é um só e os seus caminhos correspondem precisamente aos seus princípios. Todo caminho de violência, de acomodação, de subterfúgio, não leva ao Reino, mas aos reínozinhos humanos, contraditórios e mesquinhos, quando não brutais. Os atalhos sectários e ideológicos variam de gradação na percepção do Reino, mas todos são atalhos. Por mais generosos que sejam nos seus princípios, os meios de que se servem são em geral contrários aos fins. Essa a tragédia religiosa e política em que nos perdemos.

Mas a visão de conjunto, a percepção gestáltica do problema do Reino, nos mostra a suprema inteligência que preside a todas essas manifestações. No final, todas essas correntes fluem para um delta comum. E há um momento de confluência em que as

dissensões se apagam, as contradições se fundem numa síntese superior. É no tempo que se realiza a fusão. Por mais absurda que essa tese possa parecer, a verdade é que os processos gerais da natureza a comprovam. Basta vermos a sucessão de fases inferiores do embrião humano, no seu desenvolvimento; a sucessão das fases psicológicas do espírito humano, no processo da sua formação; as etapas do desenvolvimento de uma dada sociedade ou da própria Humanidade. Em todas essas fases encontramos divergências profundas, que podem parecer-nos insolúveis, mas que os especialistas nos mostram ligadas por uma unidade substancial, que as conduz ao mesmo objetivo.

O mensageiro do Reino me disse, nesta tarde, ao ver-me examinar esses problemas:

– Examine o caso de Ananias e Safira, no capítulo V do livro de Atos. E veja depois, no mesmo capítulo, o versículo 15. Veja se é possível conciliar a contradição aparente.

Corri ao livro de Atos e ali encontrei o tenebroso caso. Ananias e Safira queriam entrar para o Reino. Venderam sua propriedade, que era apenas um campo, mas só depuseram aos pés dos apóstolos uma parte do dinheiro, escondendo outra parte. Então primeiro Ananias entrou e foi Pedro quem o recebeu, admoestando-o imediatamente a respeito:

– Por ventura não te era lícito ficar com todo o dinheiro?

E Ananias, ouvindo a exprobração de Pedro, caiu morto aos seus pés. Os jovens presentes carregaram o corpo. Três horas depois veio Safira, que não sabia do ocorrido. Pedro a interpelou e ela confirmou a mentira do marido. Então Pedro respondeu com firmeza:

“Concertastes a mentira entre vós. Eis aí à porta os que levaram há pouco o corpo do teu marido e agora levarão o teu”.

No mesmo instante Safira caiu morta e os jovens a levaram.

O versículo 15 nos diz que as virtudes dos apóstolos eram tais que os doentes eram expostos às ruas, deitados em leitos e enxergões, para que, ao passar por eles o apóstolo Pedro, sua sombra os curasse. Que estranhas virtudes emanavam de Pedro! Suas palavras matavam e sua sombra curava. A contradição

aparente está aí. Pedro mata e cura em nome do Reino. E mata sem piedade, friamente, primeiro o marido, depois a mulher; somente porque haviam mentido e escondido, com receio de não dar certo a Tentativa do Reino, parte de suas economias. Não seria mais de acordo com o amor e a justiça do Reino que Pedro lhes devolvesse o dinheiro e lhes recusasse entrada na comunidade?

Sim, seria mais certo. Mas acontece que não foi Pedro que matou Ananias e Safira. O Apóstolo limitou-se a cumprir o seu dever, advertindo-os. Acontece que Ananias não suportou o choque provocado pela revelação de Pedro em sua consciência culpada. Ananias foi vítima de sua própria manobra. Mas no caso particular de Safira as coisas não parecem tão simples. Pedro declara que ela vai morrer, parece mesmo ameaçá-la, predispô-la à morte. O Apóstolo era dotado do que hoje chamamos cientificamente *percepção extra-sensorial*, possuía a mediunidade profética. Ao entrar a mulher de Ananias no recinto, ele viu o que ia acontecer. E em benefício da própria mulher preparou-a para o momento inevitável.

Entretanto, as duas ações de Pedro conduziam ao Reino. A cura despertava as consciências, tocava os corações, preparando-os para o Reino. A repreensão tinha por fim corrigir as imperfeições morais dos que não se encontravam em condições de entrar no Reino, embora o desejassem. A morte de Ananias e Safira, consequência natural de seus atos fraudulentos, parecia uma expulsão definitiva de ambos do portal do Reino. Mas só lhes acontecera o que vimos no caso do rico da parábola: Ananias e Safira não haviam deixado os seus fardos que não cabiam na portinhola estreita. O rico, em espírito, já morto para o mundo, precipitara-se no abismo. O casal fraudulento caíra em vida no abismo da morte. Mas assim como a queda do rico era uma lição de após morte, que o ajudaria a corrigir-se na próxima encarnação, assim a morte de Ananias e Safira lhes ensinava a buscar a sinceridade e a verdade no mundo espiritual.

Os que não acreditam ou não querem compreender que só podemos entrar no Reino pelo renascimento, não encontram explicação para as contradições que apontamos. Aplicam em

defesa de Pedro o argumento de justiça. Mas onde fica o argumento do amor? Já vimos que o Reino não se constitui apenas de justiça, o que seria uma negação do amor de Deus. Não podemos, pois, compreender o Reino sem compreender a advertência do jovem Carpinteiro a Nicodemos: “*É necessário nascer de novo*”. Como poderiam todos chegar ao Reino, se são tantos os que fazem como Ananias e Safira? E como agiria o amor do Reino em favor dos que não dispõem de tempo e oportunidade para se tornar aptos a habitá-lo?

É o princípio da reencarnação a chave do Reino. A grande maioria das criaturas humanas estaria impedida de entrar no Reino se Deus não lhes concedesse a oportunidade do reinício. Então o Reino não seria de todos, mas de alguns. Deus não seria o Pai do Evangelho mas o guerreiro da Bíblia. A balança da justiça tem dois pratos, mas um deles é do amor. A balança de Jeová tem o prato da justiça abaixado, pois é nela que o Deus Bíblico põe a sua força. A balança do Deus-Pai está sempre equilibrada, porque o seu amor se mede pela sua justiça e vice-versa. O Reino não está reservado a estes nem àqueles, mas abre sua pequena porta aos homens de todas as raças, de todas as nacionalidades, de todos os quadrantes da Terra.

E é graças a isso que os atalhos e os caminhos do Reino se encontram na confluência. Heresias e ideologias desempenham o seu papel no grande esquema do Reino. Preparam cada qual as criaturas colocadas em diversos planos evolutivos, de acordo com as sintonias de seus interesses e com os impulsos de suas tendências, para o momento supremo de compreensão gestáltica do Reino, que chegará normalmente para todos. Fanáticos religiosos e fanáticos políticos não perdem o seu tempo: são aprendizes de primeiro grau, exercitando-se para as virtudes do Reino, adestrando-se para amá-lo. Porque não é fácil amar o Reino. Os reinozinhos da Terra, esses pequenos e absorventes reinos dos homens, atraem poderosamente as almas inexperientes. Então o Reino se disfarça em estreitas concepções humanas e atrai aquelas almas que se perderiam nas atrações inferiores.

Deus sabe conduzir as almas para o Reino. Nós, os conduzidos, é que não sabemos ver e compreender o seu imenso traba-

lho. Por isso não o auxiliamos. Devemos aprender que Deus, nosso Pai, trata-nos como filhos. E em vez de guerrear os irmãos que procuram o Reino por atalhos ou caminhos diferentes dos nossos, devíamos ajudá-los. Todos os caminhos levam ao Pai. Isso, porém, não quer dizer que devamos esperar sentados o estabelecimento do Reino na Terra. Cada um de nós, em seu caminho ou seu atalho, tem a obrigação espiritual de trabalhar incessantemente pelo Reino, amando a todos, fazendo sempre justiça em todas as coisas, mas trabalhando sem cessar para despertar em todos a compreensão do Reino, que extinguirá do planeta o orgulho, a vaidade, o egoísmo e o ódio. A compreensão do Reino fará corar de vergonha os que hoje só pensam em conquistar para si mesmos. Os ricos do Reino serão os que ajuntam para todos.

VIII

A Tese do Reino

A tese do Reino de Deus tem permanecido oculta nos Evangelhos. Porque os homens insistem na tentativa de servir a dois senhores. Mas o anseio do Reino os arrasta cada vez mais à descoberta da tese. Todas as religiões sofrem hoje o impacto do Reino. As mais tradicionais voltam aos princípios esquecidos das origens, reerguendo o estandarte do Reino com novo entusiasmo. Dividem-se os fiéis, surgem polêmicas, aparecem focos extremistas em redutos antes inatingíveis. Poucos se lembram, diante do panorama inquietante, de que o jovem Carpinteiro declarou a dois mil anos:

“Não penseis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer-lhe a paz, mas a espada. Porque vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, a filha contra a mãe, a nora contra a sogra. E os inimigos do homem serão os seus próprios domésticos.” (Mateus, X: 34-36).

Essa divisão resulta do apego do homem à vida material, às vantagens mundanas. O jovem Carpinteiro sabia que os homens procurariam furtar-se às exigências do Reino, preferindo os pequenos reinos terrestres. Não era assim que acontecia no seu tempo? Por isso Ele falou de guerra e de espada, num sentido alegórico. Mas o seu objetivo, como vemos no Sermão da Montanha, são a paz e o amor entre as criaturas. As dissensões produzidas pela sua pregação e pelo seu exemplo são caminhos de paz, porque nascem do senso de justiça. É necessário reformar o mundo para que haja entendimento, paz e amor, justiça e verdade. A reforma exige dissensões e lutas. Mas essas lutas são dos homens, da sua incompreensão, da sua falta de amor, do seu egoísmo que sufoca a justiça.

Os cristãos-sociais, como são chamados os que se interessam pelos problemas da justiça social, são atacados pelos materialistas e pelos seus próprios companheiros de fé. Muitos deles não compreendem o exemplo do jovem Carpinteiro e preferem seguir

os atalhos humanos. Querem envolver suas igrejas e suas comunidades religiosas na política mundana. No meio católico, no protestante e no espírita encontramos hoje essas correntes sociais que pretendem transformar as religiões em partidos políticos, em instrumentos de luta ideológica. Mas a tese do Reino não é essa. Basta lembrar estas palavras do jovem Carpinteiro:

“O meu Reino ainda não é deste mundo; se ele o fosse, os meus ministros haviam de pelejar.” (João, XVIII: 36).

E se acaso ele quisesse que os seus discípulos usassem a espada para despojar os outros dos seus bens, teria dito que devemos entregar também a túnica ao que nos pede a capa ou oferecer a outra face ao que nos bate numa?

A tese do Reino é de reforma profunda, não superficial. O mundo é o reflexo do homem. Podemos obter o melhor reflexo no espelho mais favorável, como poderemos deformar o reflexo num espelho deformado. Podemos, pois, construir artificialmente um mundo de luz com um homem sombrio. Mas é evidente que apenas o reflexo, no caso a estrutura legal, manifestará a luminosidade artificiosa que não estará presente na realidade social. Para obtermos um verdadeiro mundo de luz é necessário acendermos a luz nas almas. Esse é o primeiro tema da tese do Reino.

Mas não podemos considerar esse tema isolado do contexto, como fazem os misoneístas, porque se o mundo é o reflexo do homem, esse reflexo também condiciona o homem. Não basta, pois, a catequese. Melhorar apenas o homem, numa estrutura imoral, equivaleria a melhorar a estrutura com um homem imoral. Assim, o segundo tema da tese do Reino é o da modificação do meio. Ao mesmo tempo em que acendemos a luz nas almas, temos de fazê-la brilhar no meio social. As almas iluminadas iluminam a sociedade, mas a sociedade iluminada deve iluminar as almas. Não podemos nos esquecer dessa reciprocidade. Num meio em que todos rastejam, escreveu Ingenieros, é difícil alguém andar em pé.¹ Temos de lutar para criar condições sociais adequadas ao aprimoramento do homem. Mas é evidente que essas condições não podem seguir a prática da violência contra o próprio homem.

O terceiro tema da tese do Reino é o da escolaridade. O Reino exige preparação dos candidatos, exige escola. Os candidatos do Reino estão todos na escola da vida. Mas é evidente que a maioria pertence às classes primárias. Seria loucura querermos passar essa maioria para as classes secundárias ou superiores. As religiões e escolas espiritualistas são processos pedagógicos, com seus diferentes métodos didáticos em desenvolvimento no mundo. Muitas delas estão deturpadas, comprometidas com o homem velho de que falava o jovem Carpinteiro. Mas todas as criaturas humanas dispõem de recursos didáticos para auxiliarem os sistemas pedagógicos deficientes. O grande empenho dos cristãos deve desenvolver-se numa atividade em forma de pinça: ensinar e dar o exemplo. Não foi assim que fez o jovem Carpinteiro?

Há uma dinâmica espiritual que se reflete na dinâmica social. É a dinâmica da escolaridade. Na escola do mundo essa dinâmica se desenvolve em forma de reciprocidade: quem ensina aprende, e vice-versa. A escolaridade é então o processo da experiência. Não é contada pela frequência às aulas – pois ninguém se furta à frequência –, mas pelo aproveitamento. Só o grau geral da escolaridade poderá dar-nos a condição necessária ao estabelecimento do Reino.

Mas o quarto tema da tese do Reino é o da obrigatoriedade. Esse tema nos mostra que as almas obedecem as leis morais, como os corpos obedecem a leis físicas. Umas e outras são leis de Deus, que nos conduzem obrigatoriamente para o Reino. Graças a isso, quando o mundo se aproxima do Reino, forçado pelas leis naturais da alma e do corpo, do espírito e da matéria, os retardatários são empurrados por uma força ainda pouco explicada a que chamamos história.

Os próprios materialistas reconhecem a necessidade de condições históricas para que as transformações sociais possam ocorrer. E submetem-se às exigências históricas na preparação dos seus planos de trabalho e de luta, fracassando quando pretendem precipitá-los. Os cristãos, que além das leis materiais, decorrentes dos processos de produção de mercadorias, conhecem as leis morais, decorrentes da natureza e do destino espiritu-

al dos homens, devem compreender mais profundamente as exigências da história e trabalhar nessa linha com maior consciência e maior firmeza.

A tese do Reino exige reflexão constante, decisão espiritual, amor e justiça no coração e na consciência, para que o cristão não se extravie pelos atalhos ideológicos. O cristão possui a ideologia do Evangelho e o manifesto do Reino. Seu caminho foi traçado pelo jovem Carpinteiro. Como pode ele engajar-se aos que seguem outros caminhos, traçados pelos sonâmbulos do Reino? Como pode ele colocar-se ao lado dos ímpios, que pretendem escravizar o Reino aos pequenos reinos dos interesses humanos? O cristão não pensa na espada ou no fuzil, mas nas forças espirituais. Não pode acompanhar os que articulam a subversão material, porque o seu objetivo é a revolução espiritual – transformar o mundo pela transformação do homem e transformar o homem pela transformação do mundo. Eis a dialética do Reino, que o cristão tem de seguir. Uma dialética difícil, mas a única possível para a solução de um problema profundamente difícil.

Em princípios de abril de 1946, o 1º Congresso Espírita da Alta Paulista, reunido em Marília, aprovou uma tese, de minha autoria sobre o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Essa tese se apoiava nos meus estudos pessoais do problema do Reino e nos trabalhos específicos de três grandes luminares do Cristianismo atual: Stanley Jones, o famoso cavaleiro do Reino de Deus, pastor e missionário metodista, Jacques Maritain, o conhecido pensador católico, e Cairbar Schutel, o admirável escritor e conferencista espírita, fundador da Revista Internacional de Espiritismo. Reproduzi então esta afirmação de Stanley Jones, que produziu arrepios em muitos dos seus correligionários:

“Nada há que possa eximir-se deste movimento que sacode o mundo inteiro em favor de uma reforma social; nem mesmo os nossos santuários.”

Essa tese, editada em 1946 pela Editora Lake, de São Paulo, foi agora transposta para este novo trabalho, em forma inteiramente nova. Num dos seus trechos mais significativos, dizia:

“O chamado de uma nova ordem social está clamando no coração do mundo. E o mundo não pode deixar de atendê-lo, porque é um imperativo do progresso terreno, uma lei maior do que as leis transitórias dos homens, é a expressão da própria vontade de Deus. Os santuários estão abalados – como disse o grande Missionário – e os santuários cairão por Terra se tentarem resistir ao ímpeto das novas forças que estão se desencadeando sobre a cabeça e o coração dos homens.”

“Chamar de cristão ao mundo atual – dizia ainda a tese – é blasfemar contra o Cristo, escarnecer do seu Evangelho.”

O mundo, porém, não poderá fugir ao Cristo, por mais que os homens o forcem, e um dia a verdade cristã será restabelecida na Terra. Como poderia o Espiritismo, na sua divina missão de Consolador, de Espírito da Verdade, prometido pelo Cristo para restabelecer todas as coisas, furtar-se à grande função que lhe cabe nesse terreno? E como envolvermos o Espiritismo no torvelinho de ódios e disputas mesquinhas da vida política? Stanley Jones deu uma resposta a estas perguntas em seu livro *Cristo e o Comunismo*, até hoje não traduzido para nossa língua:

“Não sou comunista nem me chamo socialista. Sou um cristão que busca uma solução para esse problema. Estou convencido, desesperadamente convencido de que o Cristianismo deve, ou bem guiar a Humanidade a esse respeito, ou bem abdicar.”

Terríveis palavras que colocam o Cristianismo entre as pontas mortais de um dilema histórico. Mas a Stanley Jones faltava o esclarecimento do Espiritismo, que encontramos em Caibar Schutel, no Brasil; Léon Denis na França; Cosme Marinho, na Argentina; e em tantos outros pioneiros do Espiritismo Social em todo o mundo. Porque o Espiritismo responde historicamente a esse dilema trágico das formas dogmáticas do Cristianismo, revelando a essência renovadora do ensino do Cristo no plano social e afastando o Evangelho das implicações temporais da política.

O Reino de Deus está acima da sociedade de classes, do mundo injusto de ricos e pobres, das competições políticas e econômicas. O Reino de Deus está dentro de nós, na aspiração

divina da justiça e do amor, que é o próprio reflexo de Deus na consciência humana. E estando em nós está acima de nós, como um arquétipo divino das almas, arrebatando-as para uma vida superior, elevando-as para Deus. O Cristianismo em Espírito e Verdade não se deixa prender nas tenazes de nenhum dilema da lógica humana. Ele é, em si mesmo, a resposta a todas as nossas inquietações e a todas as perplexidades dos séculos.

Cairbar Schutel adverte, em *Interpretação Sintética do Apocalipse*, que as subversões sociais abalarão o mundo “até que a palavra do Alto se pronuncie com poder”. E acentua:

“Os bem-avisados que procurem guiar-se pelo Espírito do Evangelho, porque a luta será tremenda, como não houve outra igual, e aquele que estiver sob a Árvore da Vida não perecerá.”

Como vemos, a compreensão espírita de Cairbar supera as preocupações de Stanley Jones. Mas é curioso como o próprio ministro metodista assinala, em seu livro citado, a existência de um Cristianismo livre, fora do chamado Cristianismo humanizado, acentuando:

“Esse Cristianismo livre pode, talvez, nesta crise, ver com maior clareza e agir com maior decisão do que o organizado. Temos de considerar esses irmãos da margem tão verdadeiramente irmãos como aqueles que consideramos nossos irmãos do centro. Quem sabe não acontecerá, depois de tudo, que eles estejam mais perto do centro do que nós mesmos?”

Os irmãos da margem! Não disse o jovem Carpinteiro que os filhos do Reino das organizações judaicas seriam lançados nas trevas exteriores e outros sentariam à mesa do Reino? Acentuemos que ainda agora, no movimento ecumênico das Igrejas Cristãs, os espíritas foram deixados de lado. Não obstante, o que Jacques Maritain e Stanley Jones diziam do aspecto social do Cristianismo, o que João XXIII disse mais recentemente, o que o Padre Teilhard de Chardin ofereceu como interpretação renovadora do homem, tudo isso e muito mais, que os tempos confirmam, já estava a muito nos livros de Allan Kardec e de Léon Denis. Podemos mesmo dizer que Chardin, em larga extensão, parece uma adaptação do pensamento espírita de seu compatriota

Léon Denis ao pensamento católico em renovação nos nossos dias. Tudo isso não mostra que Stanley Jones tem razão ao depositar suas esperanças nos *marginais* do Cristianismo e que esses *marginais* se sobrecarregam de responsabilidades pesadas nesta hora do mundo? Oh, mas não pensemos que por isso os espíritas devam ingressar nos movimentos políticos revolucionários! Pelo contrário, o lugar dos espíritas é no Espiritismo, cuja função é iluminar a consciência humana para os novos tempos, para um mundo de regeneração do futuro, que já está bem próximo. O Espiritismo prepara os alicerces conceptuais do Novo Mundo. É por isso que não podemos esquecer os problemas sociais levantados pela doutrina, no desenvolvimento natural dos princípios do Cristianismo. Estudar, debater, aprofundar esses problemas e condicionar nossa vida, a nossa atividade social às suas diretrizes, no trabalho vivencial de transformação do mundo. O verdadeiro espírita se recusará a participar dessas duas formas de exploração dos semelhantes que são: a *ideológica*, envolvendo a mistificação religiosa e a demagogia política; e a *econômica*, em que se esteia a ideológica e sob a qual proliferam as iniquidades sociais de toda espécie.

Vejamos esta condenação da exploração econômica nos versículos finais da Epístola Universal de Tiago, uma das mais belas e vigorosas do Novo Testamento:

“Eis agora vós, ó ricos, chorai, dando urros na consideração das vossas misérias, que virão sobre vós! As vossas riquezas apodreceram e os vossos vestidos foram consumidos pela traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram e essa ferrugem dará testemunho contra vós e devorará a vossa carne como um fogo. Ajuntastes para vós um tesouro de ira para os últimos dias.”²

Vejamos ainda a teoria marxista da mais-valia exposta nessa mesma epístola e seguida de novas condenações da exploração econômica:

“Sabei que o jornal³ que retivestes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos clama, e que o seu clamor subiu até os ouvidos do Senhor dos exércitos! Tendes vivido em

delícias sobre a Terra e em dissoluções cevastes os vossos corações para o dia do sacrifício. Condenastes e matastes o justo, sem que ele vos resistisse.”⁴

O jornal retido, como se vê claramente, é a parte não paga do trabalho, a parte que se destina à formação do capital, não para a comunidade, mas para o dono do campo ou da empresa. Essa retenção, que é a sonegação do preço justo do trabalho, constitui a base da propriedade privada, do capital indevidamente acumulado. Por isso o jornal retido clama nos campos e o seu clamor se eleva ao Senhor pedindo justiça. O Apóstolo acentua ainda o pecado de amor, a falta de amor ao próximo que leva os ricos dissolutos a todas as violências contra os que trabalham para eles, sem reconhecer-lhes os direitos naturais, mas violando esses direitos para cevarem o coração na dissolução.

Mas não vemos nas Escrituras o incentivo à luta pela violência, à forma de justiça pelas próprias mãos, à subversão dos explorados contra os exploradores. Pelo contrário, foi nos Evangelhos que Ruskin, Tolstoi e Gandhi encontraram a doutrina da não-violência e da resistência passiva. Tiago aponta o erro, denuncia o roubo e a injustiça, mas prega o amor como remédio único dessa perversão social. E adverte:

“Não vos ressintais, irmãos, uns contra os outros, para que não sejais julgados. Olhai, que o Juiz está diante da porta!”⁵

As ideologias materialistas acusam o Cristianismo de instrumento de dominação das classes trabalhadoras. Chamam a religião de ópio do povo. Kardec, em “A Gênese”, afirma que as religiões sempre serviram como instrumento de dominação, em virtude da maneira misteriosa com que apresentam os problemas da sobrevivência espiritual do homem. Essa é uma das razões pelas quais ele sempre se negou a considerar o Espiritismo simplesmente como religião, pois o Espiritismo não se confunde com esses “instrumentos de dominação”. Jamais se acumpliciou nem pode conluiar-se com os exploradores de qualquer espécie, pois restabelece os princípios do Cristianismo do Cristo, como diz o Padre Alta, ensinando ao homem *a fé raciocinada*, apoiada na razão e não em dogmas autoritários. Mas quando o Espiritis-

mo se apóia no Evangelho, que é o seu alicerce espiritual e moral, os ideólogos da violência o acusam também de ópio do povo, sem a devida análise e compreensão da sua posição racional e objetiva.

Ao recusar a violência como forma de renovação social, o Espiritismo não o faz por temor das conseqüências no outro mundo, mas por compreender que as conseqüências funestas se verificam neste mundo e de maneira imediata. A educação pela violência foi substituída em toda parte pela educação persuasiva. As pesquisas pedagógicas mostraram que a educação primitiva não é violenta, porque os homens em estado selvagem sabem que precisam atrair as crianças para a vida social, o que só se faz pela brandura. O ser humano é uma consciência que repele as ofensas à sua dignidade. A criminologia moderna contemporânea condena as penas máximas e os métodos de violência. As leis arbitrárias e os regimes de força levam à fraude, ao crime e a revolta. Só no plano do desenvolvimento social dos povos devemos então aceitar a violência como meio para chegar à Justiça e ao Amor?

Stanley Jones considera o Comunismo como o chicote do templo, ou seja, a corda de que Jesus se teria servido para expulsar os vendilhões do templo de Jerusalém. Mas sabemos hoje que o episódio do chicote é apenas uma alegoria, referente a um dos tópicos das profecias sobre o advento do Messias. De qualquer maneira, a comparação do ministro metodista é bem feita. As ideologias da violência agem no plano social como aquele chicote, advertindo os homens contra os perigos da exploração. Mas as próprias ideologias da violência estão chegando, através das experiências sociais a que se expuseram, à conclusão prática de que devem seguir caminhos mais suaves na realização dos seus planos. Aí estão, como prova disso, a doutrina da *convivência pacífica* e as dissensões sobre o emprego da violência entre as nações comunistas.

Aliás, os próprios marxistas sabem, quando realmente conhecem a sua doutrina, que toda a sua teoria revolucionária está sujeita às leis históricas. O próprio Lenine não acreditava na possibilidade de uma revolução russa durante a sua vida e foi surpreendido pela eclosão dos acontecimentos que a favorece-

ram. Quando acusam, pois, os espíritas de comodistas, de quere-rem fugir à realidade social, sem levarem em consideração a dialética espírita da evolução, o fazem de má fé ou por ignorância das leis do próprio processo histórico.

O Espiritismo reconhece até mesmo as leis, para ele naturais, embora sociais – pois a doutrina não separa o homem e seu mundo da natureza – que produzem as revoluções. O capítulo 8 da terceira parte (Livro III) de “O Livro dos Espíritos”, que trata da lei do progresso, explica precisamente este assunto. E Kardec, no seu comentário à pergunta 783, declara:

“Sendo o progresso uma condição da natureza humana, ninguém pode se opor a ele. É uma *força viva* que as más leis podem retardar, mas não asfixiar. Quando essas leis se tornam de todo incompatíveis com o progresso, ele as derruba com todos aqueles que pretendem mantê-las. E assim será até que o homem harmonize as suas leis com a justiça divina, que objetiva o bem para todos, ao contrário das leis feitas pelo forte em prejuízo do fraco.”

Nesse mesmo comentário, Kardec ainda explica:

“O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve atingir o fim determinado pela Providência: ele se esclarece pela própria força das circunstâncias. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas ideias, germinam ao longo dos séculos e depois explodem subitamente, fazendo ruir o edifício carcomido do passado que não mais corresponde às necessidades novas e às novas aspirações.”

Vemos assim que o Espiritismo reconhece a necessidade natural das revoluções sociais, mas como fatos naturais, determinados pelas leis da evolução. Os homens são os instrumentos de ação dessas leis no plano social. Mas à proporção que os homens se esclarecem, adquirindo conhecimentos mais profundos sobre o universo e o destino humano, as leis sociais se abrandam, ajustando-se às novas condições espirituais das criaturas. As revoluções sociais não se processam, então, por meios violentos,

mas através de sucessivas modificações nos sistemas de relações humanas. As leis dos homens vão aos poucos se ajustando as leis de Deus, que nos planos superiores se traduzem por harmonia e equilíbrio.

O materialista, mergulhado no imediatismo da mundanidade, não vê perspectivas para o Reino a não ser através dos métodos violentos que prevalecem nas relações sociais desse mundinho atrasado. É natural que aceite as ideologias da violência como única saída possível para o impasse capitalista. Mas o espírita que já viu, sentiu e experimentou a realidade espiritual, não tem o direito de fechar-se na mesma visão estreita do materialista.

O espírita sabe que as leis da evolução impulsionam o mundo, não apenas no sentido das transformações sociais de estrutura, mas também e principalmente no rumo das profundas transformações morais do homem. Sabe ainda que essas transformações constituem a finalidade da existência humana na Terra. E sabe também que as disputas violentas, fermentando ódios e paixões, são contrárias à lei de evolução espiritual. Nada justifica, pois, a sua presença ao lado dos que pretendem mudar à força as condições sociais.

Muitos espíritas se impressionam com as alegações de que vivemos fora do mundo ou que fugimos à realidade social, com receio das responsabilidades políticas. São alegações daqueles que não conhecem o mundo e a realidade social senão no seu aspecto exterior. Mas esses mesmos que nos acusam são obrigados a reconhecer que estão sujeitos às leis sociais, interpretadas pelo materialismo dialético e o materialismo histórico, aos quais devem a mesma obediência que devemos à compreensão dialética e histórica que o Espiritismo nos proporciona.

Num sentido geral, o Movimento Espírita se mostra contraditório quanto aos problemas sociais. Temos espíritas reacionários, de tipo burguês, apegados ao sistema de injustiças do capitalismo. Temos espíritas de tendências fascistas, iludidos por muitos mitos e palavras, que acreditam mais na força do que na justiça. E temos espíritas revolucionários, ardendo pelas transformações sociais imediatas, comprometendo-se com movimentos políticos de esquerda ou de meia-esquerda. Isso também tem servido para

acusações as mais diversas contra os espíritas. Mas todo observador sensato compreende, mesmo não sendo espírita, que essa variedade de tendências corresponde à variedade dos graus de assimilação dos princípios doutrinários. Por acaso não se passa o mesmo em outros meios?

Só podemos atingir o Reino através de nós mesmos. Porque nós somos o mundo, nós somos a Humanidade. Quando olhamos para o nosso íntimo e vemos as nossas imperfeições, as nossas deficiências, o nosso apego às coisas mundanas, compreendemos que o mundo tenha de ser como é e o regime do homem lobo tenha de prevalecer na Terra. Mas se formos capazes de compreender que devemos nos melhorar para que o mundo melhore, que devemos mudar o nosso regime de vida para que o regime social mude, então estaremos lutando pelo Reino. E para que essa luta se intensifique e se expanda é necessário lembrarmos do contágio, pelo qual conseguiremos transmitir aos outros um pouco do que fazemos.

O jovem Carpinteiro nos deu o exemplo do exemplo, ou seja, ensinou-nos, pelo exemplo, que é esta a maior força transformadora do mundo. O seu exemplo pessoal é hoje um arquétipo universal. Todos os que o conhecem sentem-se atraídos por Ele, pois descobrem o anseio por Ele em seus próprios corações. Busquemos o jovem Carpinteiro, procuremos segui-lo, não como um Salvador que nos livra dos pecados, mas como um Guia que nos ensina o caminho do Reino. Não nos acomodemos à ideia da salvação exterior, mitológica, produzida pela magia do sangue ou da água. A salvação é interior, nasce em nós mesmos, depende da nossa vontade. O caminho do Reino começa em nosso coração.

Não é através de um partido político, de um movimento ideológico-social, de uma sociedade secreta de natureza ocultista, de uma cadeira de vereador, deputado ou senador, de um cargo administrativo nas rodas governamentais ou coisa semelhante que podemos atingir o Reino. Muitos já se iludiram com isso e acabaram mais distanciados do Reino, atraídos que foram pelos reinosinhos terrenos. Afundaram-se na politicalha ou perderam-se na rotina eleitoral, na caça mundana e subserviente, hipócrita,

aos votos do povo. O Reino não começa por sinais exteriores, mas por luzes internas. Só quando o coração muda de ritmo e a noite do espírito apegado ao mundanismo se acende de estrelas espirituais, é que estamos nos aproximando do Reino.

Ai dos que se deixam enganar pelas fascinações do poder e da riqueza do mundo! Os filhos do Reino não devem fugir do mundo nem renegá-lo, pois seu dever é estabelecer o Reino no mundo. Mas não devem nem podem entregar-se ao mundo. O jovem Carpinteiro disse certa vez: *“Eu venci o mundo”*. Esta frase encerra o programa do Reino. Mas é preciso não esquecer que, para vencer o mundo, o jovem Carpinteiro não participou dos reinos mundanos. Pelo contrário, foi esmagado por esses pequenos reinos de iniquidade e sacrificado como um malfeitor.

Os valores do Reino são o reverso dos valores do mundo. Por isso, o signo de Salomão é uma estrela formada por dois triângulos: um aponta para a Terra e o outro para o Céu. Representam os valores opostos que podemos conquistar. Se descermos pela ponta do triângulo terreno mergulharemos no egoísmo, na vaidade, na mentira. Se subirmos pela ponta do triângulo celeste atingiremos o altruísmo, a humildade e a verdade.

É muito mais fácil conquistar os pequenos reinos da Terra do que atravessar a porta estreita do grande portal do Reino. Mas as portas largas dos reinos terrenos nos levam para a escravidão de nós mesmos, e a porta estreita do Reino nos conduz à liberdade do Espírito. Para podermos conquistar o Reino, o jovem Carpinteiro nos deu seu exemplo e o seu Evangelho. Depois nos prometeu e enviou o Espírito da Verdade. Estamos agora em condições de avançar dia a dia para o Reino. Que faremos? Trocaremos essa oportunidade pelo prato de lentilhas que só mata a fome do corpo? Não! As luzes do Reino já brilham aos nossos olhos. Confiemos e avancemos, sem desfalecimentos.

Eis o Decálogo que o mensageiro me deu, quando cheguei ao fim deste trabalho, e me mandou transmitir a todos os que quisessem entrar para as fileiras dos trabalhadores do Reino:

- 1º) Ao acordar, pense no Reino antes de pensar nas coisas terrenas e ore. Peça ao jovem Carpinteiro que lhe dê forças

para não se deixar fascinar pelos pequenos reinos dos homens e para amar a todos.

- 2º) Antes de iniciar o seu dia, lembre-se e grave na sua mente que tudo o que você fizer deve ser feito em favor do Reino, mesmo no seu trabalho e nas suas mínimas obrigações rotineiras.
- 3º) Afaste do seu coração qualquer ressentimento contra quem quer que seja. Comece o dia com um sentimento de gratidão a Deus pela bênção da vida e pela bênção maior da compreensão do Reino.
- 4º) Faça ou renove o seu voto de humildade, prometendo a você mesmo não ceder ao orgulho, à vaidade, à cólera, à arrogância, à ambição, à prepotência, à violência, pois todas essas coisas conduzem aos reinos dos homens, desviando-nos do Reino de Deus.
- 5º) Prometa manter-se calmo e buscar a serenidade em todas as circunstâncias.
- 6º) Tenha confiança na verdade. Só assim você não perderá a razão quando o injuriarem, caluniarem, disserem mentiras a seu respeito, pois compreenderá que só a verdade prevalece e que ela não necessita da força, da astúcia ou de qualquer manobra para se impor.
- 7º) Busque a pureza: todas as coisas são puras quando as encaramos com amor, compreensão e pureza. Não há atos impuros para o homem que mantém o seu coração puro. É nossa malícia que faz impuras as coisas de Deus. Evite sempre os excessos, que são provenientes do egoísmo, fonte da impureza.
- 8º) Não se esqueça de que o pior dos homens é seu semelhante, seu irmão. Trate a todos com amor e justiça. Mas cuidado na justiça, que o nosso egoísmo facilmente transforma em injustiça. E seja abundante no amor, em que somos sempre tão pobres e avaros.
- 9º) Não roube; não aprove o roubo; não elogie o roubo; não queira possuir mais do que o necessário, porque para isso é

preciso tirar dos outros e aumentar a miséria do mundo, em prejuízo da riqueza do Reino; afaste-se da corrupção do século e dê o exemplo do amor e da justiça do Reino.

- 10º) Não se apresse nem se iluda, pois o Reino não vem por sinais exteriores; precisamos construí-lo paciente e corajosamente no coração dos homens, pelo nosso exemplo. Amor, desapego e pureza são os instrumentos de construção do Reino de Deus na Terra. Aprenda a trabalhar com esses instrumentos e você ajudará a construir o Reino.

Este Decálogo do Reino tem os seus mistérios. Na proporção em que você o seguir os mistérios irão se revelando. Em cada mandamento há coisas que não percebemos na simples leitura. Só a prática nos revela a amplitude e a profundidade de algumas frases e de algumas palavras. Porque, ao nos aproximarmos do Reino, nossa visão se amplia e se aguça, nossa compreensão se esclarece. As luzes do Reino vão a pouco e pouco iluminando as trevas do mundo, em que a nossa alma está mergulhada.

*(São Paulo, Vila Clementino,
de 1 a 15 de Março de 1967.)*

Nos livros, como na vida, precisamos saber o que nos ajuda e o que nos prejudica.

– 0 –

Notas:

¹ José Ingenieros, “Las Fuerzas Morales” e “El Hombre Mediocre”.

² Tiago, V: 1-3.

³ A palavra *jornal* aqui se refere ao salário pago por cada dia de trabalho (Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI). (Nota do digitalizador.)

⁴ Tiago, V: 4-6.

⁵ Tiago, V: 9.